

ANGÚSTIA E MELANCOLIA EM QOHÉLET OU ECLESIASTES



SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA


Editora
UNIESMERO

ANGÚSTIA E MELANCOLIA EM QOHÉLET OU ECLESIASTES



SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA


Editora
UNIESMERO

2022 – Editora Uniesmero

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Autor

Sérgio Rodrigues de Souza

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Freepik/Uniesmero

Revisão: O Autor

Conselho Editorial

Ma. Tiaty Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729a Souza, Sérgio Rodrigues de
Angústia e Melancolia em Qohélet ou Eclesiastes / Sérgio Rodrigues de Souza. – Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2022. 100 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84599-38-3

DOI: 10.5281/zenodo.6409662

1. Angústia. 2. Melancolia. 3. Qohélet. 4. Eclesiastes. I. Souza, Sérgio Rodrigues de. II. Título.

CDD: 223

CDU: 22

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Uniesmero
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.uniesmero.com.br/2022/04/angustia-e-melancolia-em-qohelet-ou.html>



**ANGÚSTIA E MELANCOLIA EM QOHÉLET
OU ECLESIASTES**

Dr. Sérgio Rodrigues de Souza

“O homem pode dizer que sabe muitas coisas e com isso considerar-se de fato sábio; porém, esta sabedoria fragmentada não chega à compreensão total de sua existência, nem a explicação do sentido de sua vida, em um mundo definido, porém, caótico” (QOHÉLET, Sec. III-IIa.C.).

NOTAS INICIAIS

O livro de Eclesiastes, o *Livro do Pregador*, talvez represente o livro mais complexo que já tenha sido escrito em toda a história da humanidade e, digo isto porque seu texto não é uma leitura simples de se fazer, embora traga uma conjuntura filosófica que se adapta a qualquer tipo de leitor, não exigindo um alto nível intelectual para fazer-se compreendido acerca de seu teor existencial, referindo-se à vida como ela se apresenta, em toda sua crueza e como os humanos se comportam. Esta é a primeira ilusão que ele desperta no leitor, o de que se trata de um texto que fala ao outro ou sobre o outro.

Neste sentido, é muito comum encontrar leitores e fieis que recitam versículos do livro para outros, enxergando nas atitudes de seus companheiros os exemplos que foram observados e registrados nas páginas do referido livro. A sua finalidade, como um texto sapiencial, não é exortar o outro a pensar sobre o outro, é fazer com que aquele que se debruce na leitura encontre a si mesmo, uma vez que foi escrito para falar diretamente a uma auto existência, jamais para uma existência alheia.

Aqui chega-se ao ponto de compreensão que, o leitor do livro de Eclesiastes, deve tornar-se um estudioso da sua mensagem, porque aquilo que busca não interessa mais, o valor está naquilo que irá e que poderá [*e ainda deverá*] encontrar, que é a si mesmo, não como objeto de análise, mas, como um ser que analisa-se a si mesmo na iminente ânsia de não encontrar uma verdade que deveria [*e que necessita*] ver revelada.

Toda a verdade expressa em Eclesiastes representa uma auto revelação que se desvela ao leitor e somente a ele, não permitindo que seja ultrapassados os limites de sua própria essência. Portanto, ler o referido livro canônico é

uma coisa; já para aquele que ousar estudá-lo significa mergulhar para dentro de si mesmo, tal qual o fez o seu autor.

A obra é inteira marcada por uma sombra de intensa angústia e melancolia, mas o que ela retrata é a mais clara observação sobre o ato de existir, em que todo ser humano tem o seu agir motivado pela vaidade, pelo desejo oculto de reconhecimento individual e coletivo.

E Qohélet se assusta, caindo em desespero, quando entende que o ser humano, esvaziado desta condição de vaidade, entrega-se ao vazio de si mesmo, não realizando sua ação [*supostamente natural*] de superação.

O seu assombro acontece quando ele próprio se descobre sujeito de sua investigação e de suas preleções. No fim, tudo o que o homem realiza debaixo do sol é por pura vaidade.

INTRODUÇÃO

O Eclesiastes (pregações, em hebraico) ou Qohélet (קהלת), representa um livro canônico, registrado no Antigo Testamento, como parte da obra sapiencial do povo judeu. Trata-se de um livro religioso, escrito sobre cunho filosófico, fundamentado em uma profunda análise existencial, em que coloca como evidência uma interpretação acerca da vida e toda sua expressão.

Atribui-se sua autoria ao Rei Salomão (o Rei Sábio), filho e herdeiro de Davi, que assume o trono de Jerusalém após a morte de seu pai e que governou com uma ampla sabedoria, vindo a ser considerado pelos diversos escritores da história do povo hebreu como sendo o rei mais sábio que governou sobre toda Judá.

A este respeito [*a questão da sua autoria sobre a escritura dos Eclesiastes*] questiona-se se tal seja verdade e grandes autores e estudiosos dos cânones hebraicos, como Líndez e J. L. Sicre, *p.e.*, discutem com exaustiva segurança que este livro não foi escrito pelas mãos de Salomão, tendo sido elaborado por volta do Século II ou III a.C., quando este já havia morrido havia muitos séculos. Acerca da autoria, se diz que foi escrito por um judeu de sobrenome Qóhelet, deixando claro que neste trabalho, pretende-se analisar a autoria do livro, embora em alguns pontos da análise, se possa fazer referência tão somente a fim de que consiga validar o interesse analítico sobre o qual se verte esta busca científica, que é a de explicar, de maneira didática, sobre a expressão de angústia e melancolia com que se expressa o autor dos Eclesiastes. Toda a obra é carregada de um tom de verdade e profundidade sobre a existência, que marca-a com uma característica muito singular de pessimismo e falta de perspectiva ante à breve existência humana [*a vida*], que a transforma em um luta vã contra algo que não pode ser

vencido e classifica tal batalha como uma estultícia, corrida atrás do vento, como se nada que o homem pretendesse fazer justificasse seu esforço, a não ser por sua expressão mais forte e constante: *tudo é vaidade!*

Desde o Século XVII que esta obra singular intriga aos investigadores, especialmente por sua carga catexial de emoção e uma proximidade intensa com os problemas mais intrínsecos da vida e da existência humana, como a extensa e também exaustiva negação de todo o esforço realizado para alcançar a glória, o saber e o conhecimento até chegar a compreender a sabedoria em sua essência mais profunda e terminar afirmando que nada disto é glorioso; nada mais sendo que fadiga espiritual e vaidade.

Tem-se, assim, que analisar e ainda chegar a um entendimento do que representa a variante lexical *vaidade* no contexto e na conjuntura da obra sapiencial *Eclesiastes*, a fim de se chegar à compreensão do pensamento filosófico de seu autor, que ora expressa seu pensar em primeira pessoa e ora expressa-o em terceira pessoa, como se estivesse a analisar um personagem histórico-político ou estivesse, em outros momentos, simplesmente a debruçar sobre sua própria existência individual, o que já deixa muito transparente que o autor é um sábio, de profunda categoria e amplo domínio no campo da epistemologia, da gnosis e da hermenêutica. Conhece, com extremada propriedade, o ser humano e suas vicissitudes, seu completo desamparo ante à existência que não se prolonga sobre a Terra; já nasce com seus dias contados e estes não mais que diminuem a cada instante que se passa e enfrenta o terrível medo de nada realizar e assim cair no esquecimento eterno após sua partida; no entanto, embrenha-se na busca por realizações e ao final não pode desfrutar das mesmas, deixando àqueles que nada fizeram ou que em nada participaram de suas

batalhas, que desfrutem de seus bens; do resultado de seu trabalho, sem honrar sua memória.

São as reflexões do autor que conduzem a um misto de angústia e melancolia, quando chega a interpretar a vida humana, em sua essência mais profunda, aquilo que ela de fato representa para o homem e este, entretanto, nega-se a enxergar esta condição e vive-a, intensamente [*ou pelo menos assim acredita fazê-lo*], buscando toda a felicidade por meio da satisfação dos seus desejos mais profundos. E para o sábio-pregador, o que a vida representa?

O autor dos Eclesiastes ousa dizer o que a vida representa para todos aqueles que se proponham a meditar e a refletir suas ações desde o momento em que nasce até o instante em que deixa-a para trás. Não se trata de um exercício a ser realizado pelo homem mediano, porque este tenderia a fazer uma leitura superficial e negativista acerca do que seja e representa o ato de viver, negando-se, assim, a tal, porque presumiria que não há sentido na existência humana, mais além de que repetir todos os feitos de seus antepassados e terminar na escuridão da morte.

A análise pura e sistemática da obra permite chegar a conclusões de que o autor tinha uma vivência muito grande nos meios sociais e na esfera política, porque relata sobre obras de caráter governamental ao mesmo tempo em que aborda as situações mais simples do cotidiano. Não fala estritamente a um grupo de indivíduos, estamento ou classe; sua retórica está dirigida àqueles que vivem sob o sol, como expressa em suas afirmações.

O autor era detentor de uma condição de oratória e de uma condição de retórica impressionantes, em que joga com as emoções e as incertezas mais profundas do espírito humano, conduzindo os seus ouvintes a pensar não apenas no investigador da realidade [*humana*] que lhes dirige os ensinamentos na Assembleia, mas ainda veem-se forçados

a colocarem-se como seres que necessitam refletir sobre suas vidas e o que fazem delas e como ela os induz a um estado ou outro.

A análise da obra de Qohélet permite aproximar da verdade de que o homem é um ser impotente ante à *Physis*, não tendo como avançar para além de si mesmo e daquilo que cria para si e que, em um tempo, relativamente curto, torna-se escravo de suas incríveis e brilhantes produções, culturas, tradições e superstições.

SALOMÃO OU QOHÉLET: A QUEM COMPETE A AUTORIA DO LIVRO DE ECLESIASTES?

À primeira vista, ao se executar uma leitura mais profunda dos Eclesiastes, não existe a menor sombra de dúvidas de que o seu autor seja o Rei Salomão¹, o Rei sábio, que governou sobre toda a Judá, filho e sucessor de Davi. No entanto, a história de vida de Salomão contrasta, de maneira contundente, com a filosofia de vida expressa nas pregações do sábio. Em alguns versos, expressa-se em primeira pessoa, como se ele realmente fosse alguém de elevado poder e posses e que tivesse realizado grandes feitos, não se sabe em nome de que ou de quem, porque já deixa antever que tudo o que realizou para satisfação estrita do seu ego e não de seu povo. Esta é a primeira observação que pode ser feita e que já começa a lançar suspeitas sobre a autoria conferida a ele.

Em outros versos, refere-se a uma terceira pessoa, algo como se estivesse a analisar um personagem histórico ou apenas a observar-se de um ponto distante no horizonte, negando toda a virtude que suas obras representaram para todos, ou melhor, algo como se os outros e suas felicidades, conceitos, pensamentos, agradecimentos e elogios em nada representasse, porque tudo não passou de uma satisfação de um desejo megalomaniáco pessoal. Isto em muito causa estranheza, porque um rei que tenha vivido toda a sua existência com intensa profundidade, como se está relatado nos textos bíblicos do Antigo Testamento, experimentando

¹ Segundo Líndez (1999, p. 12) “uma fonte rabínica declara que ele escreveu o *Cântico dos Cânticos*, com sua acentuação do amor, em sua juventude; *Provérbios*, com sua ênfase nos problemas práticos, em sua maturidade; e *Eclesiastes*, com suas reflexões melancólicas sobre a vaidade da vida, em sua velhice.” Fonte: LÍNDEZ, José Vilchez. *Eclesiastes ou Qóhelet*. São Paulo: Paulus, 1999. (Nota de rodapé).

tudo o que sua vontade egóica desejou e permitiu, não poderia em tão pouco tempo mostrar-se tão melancólico ante à glória que conheceu em seu próprio tempo político e na posteridade. Em alguns trechos afirma que construiu pomares e o povoou com imensa variedade de frutíferas e viu que isto era bom. Há um estranho marco nisto aí, porque logo em seguida faz uso de sua expressão mais forte: *Também isto é vaidade!*, o que induz a presumir que o julgamento de seus pares foi de que tudo aquilo que realizou era bom, mas, em seu íntimo, ele sabia que toda aquela obra não lhe representava nada mais que uma satisfação de um orgulho.

Ao que parece, os escribas judeus, quando resolvem construir a história do povo hebreu, ignoraram esta condição de contradição linguística e elegeram Salomão como o autor do livro Eclesiastes e o motivo não é difícil de explicar. Este livro representa um cânone de sabedoria muito profunda sobre a existência humana e tudo o que a envolve, desde as minúcias até as mais contundentes ações pragmáticas cotidianas. Ninguém jamais ousaria questionar a autoria de tal trabalho, sendo afirmado que foi realizada pelo Rei mais sábio de toda a história de Judá, este que havia recebido a sabedoria diretamente de seu Deus, Yavé. No entanto, as análises mostraram que Salomão pode ter sido qualquer coisa, menos sábio e muito menos, ainda, alguém propenso a dar conselhos existenciais úteis a outrem. Entretanto, Salomão representa para o povo hebreu um marco em que a sua política de contato mais amplo com outros povos, conforme relata J. Luís Sicre: “Foi em tempos de Salomão que mais se desenvolveu o fenômeno sapiencial dentro de Israel, por causa do contato com a cultura egípcia”² e que

² SICRE, José Luís. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 275.

por este tempo já possuía uma gama ampla e considerável de escolas e em regiões próximas a Israel estas já existiam e Salomão cuidou de fazer com que esta metodologia formal de ensino fosse aplicada a sua Pátria.

Esta representou uma atitude de sabedoria por parte do Rei Salomão, porque já percebia que um povo educado é o mesmo que dizer que possui polimento de espírito, ou seja, aquele estado instintivo e também primitivo vai sendo amansado e o indivíduo torna-se dócil, muito mais fácil de ser manipulado e controlado, sem contar, ainda, que todo um conjunto de saberes, direcionados ideologicamente em favor de quem os planeja são implantados nos espíritos dos estudantes e coisas como patriotismo, amor à verdade, à justiça, ao Rei, fé, companheirismo vai-lhe sendo introjetado de tal forma que se transforma em uma verdade absoluta e irresoluta para os estudantes. É por meio da educação que se insere, nos indivíduos, os conceitos morais, os valores e na escola, estes são uniformizados, todas as diferenças são banidas e/ou criadas e o pensamento unificado. Assim, em pouco tempo, tem-se a nação e o governante dos sonhos.

Aliado a tudo isto, tem-se, ainda, que a formação educacional abria imensas perspectivas para entendimentos filosóficos da vida, capacidades acuradas de análises mais amplas sobre os seus vizinhos, outros povos e histórias que compunham a região onde estava situado o reino de Judá.

Um elemento que colabora, sobremaneira, com o Rei Salomão é que, ao criar escolas em grande quantidade aqueles que eram menos favorecidos puderam ter acesso a um grau tal de educação que, em circunstâncias ordinárias, somente a elite poderia ascender a tal condição. Lógico que dali não poderia sair nenhum sacerdote, uma vez que este não era o objetivo; no entanto, ampliaria a discussão sobre os procedimentos da leitura e da escrita, com isto, abrindo novos espaços para a implementação de uma nova cultura,

a letrada, que viria a substituir, em larga escala, a cultura oral.

Qohélet é um herdeiro direto deste pensamento que foi iniciado por Salomão, mesmo estando muitos séculos de distância e, o que permite tal entendimento se dá por meio da interpretação de um posfácio, deixado por um discípulo seu, onde diz que o sábio instruiu o *povo* em Israel.

Isto permite deduzir que o título de sábio a que fez jus Qohélet o coloca, para além de teólogo e filósofo, como professor, um instrutor educacional-escolar e esta função é bastante peculiar, porque a referência é de instrução, não fazendo menção a determinado nível.

Uma situação que este fato histórico apresenta é que nos textos bíblicos que chegaram até nossos dias, o Rei Salomão pede a Deus, sabedoria e povo humilde; mas, dado o seu empenho em seguir o modelo de outros povos e nações próximas, supõe-se que desejava um *povo instruído*; logo, o vocábulo *humilde* pode ser pensado e interpretado como obediente; sendo assim, a expressão original dita pelo Rei Sábio seria *povo obediente*.

Isto fez com que o povo de Israel se elevasse em condições de saberes e conhecimentos, produzindo uma nova estrutura de desenvolvimento social, sobrepujando, em muito seus adversários em termos de avanços tecnológicos. Percebe-se também, que a produção de livros vem a se tornar bastante elevada depois deste período, o que soa como muito natural, uma vez que mais pessoas detinham o domínio sobre a técnica da leitura e da escrita.

Esta decisão pode ter feito com que Salomão fosse aclamado como o rei mais sábio que já governou sobre toda Judá; tal consideração mais em sinal de respeito por sua ação do que propriamente por ter realizado uma gestão tão fundamentada assim que fosse, em princípios e técnicas de conhecimentos científicos e ainda várias lendas envolvendo

sua pessoa o fizeram reconhecido como tal e quando se alcança o momento histórico de criar um conjunto histórico para o nascimento do povo e de toda a cultura hebraica, o elegeram como sendo o mais sábio dentre todos os reis que já haviam passado pelo reino.

Segundo J. L. Sicre, “a tradição bíblica o apresenta [*Salomão*] como o sábio por excelência, com uma sabedoria que ‘superou a dos sábios do Oriente e do Egito.’”³

Há, antes de se trabalhar a questão específica no que tange à sabedoria referida a Salomão, esclarecer os conceitos de sábio que existiam e que eram adotados na Antiguidade e que, diferem dos sentidos tratados pela era contemporânea.

Nos tempos salomônicos, ser sábio não implicava ter elevado grau de cultura e conhecimento abstrato. O título estava vinculado ao saber empírico, ao saber concreto, em que o *sophós*, o sábio, era aquele indivíduo que dominava uma técnica específica, que exercia o seu ofício com plena expertise. Assim, já se pode pensar que, como Salomão era um Sumo-Sacerdote, o equivalente direto ao arconte-rei, em Atenas, ele era o gestor, o governante supremo do reino de Judá.

A interpretação contemporânea que se faz sobre a sabedoria de Salomão está fundamentada na história das duas prostitutas, a quem coube o seu julgamento e ele o faz utilizando como instrumento de juízo o amor materno natural (*sic*), o que se pode entender que ao submeter o juízo a um sentimento abstrato e a uma crença constitutiva social, pode ter sido enganado pelas querelantes, porque a sua atitude nada mais fez que despertar o patético nas mulheres e não

³ 1Rs, 5,10 citado por SICRE, José Luís. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 275.

necessariamente, uma tomada de decisão fiel ao ponto de ser validada como uma verdade absoluta, inquestionável.

Mas, o que se coloca é que Salomão se torna o Rei mais sábio da história judaica por sua gestão, pelo avanço que pode ter proporcionado ao seu povo e pela motivação espiritual que deve ter aventado, a começar que não se fala em guerras durante o seu reinado, o que demonstra que tenha sido um exímio estadista.

Confirmado esta condição singular de governança pública e de Estado, já fica patente que detinha um alto grau de intelectualidade, ou seja, ao se tratar a capacidade de trânsito em esferas diplomáticas como uma arte, já temos Salomão afeito com quatro méritos bastante conceituados, possivelmente, pontos estes em que seus antecessores e governantes dos reinos vizinhos falhavam com extremada constância, porque a única arma de diálogo que conheciam e dominavam bem era a arte da guerra.

Sobre a questão da intelectualidade de Salomão, não se deixa muitas dúvidas acerca disto, porque o povo judeu tendo vivido sob o domínio do povo egípcio durante um longo período de tempo e mais, em um momento em que os dominantes já detinham amplo conhecimento da escrita, é bem possível que ele tenha sido educado tendo acesso a grandes obras, clássicos e textos canônicos de outros povos que faziam divisa com seu reino e outros próximos.

O que não se pode confundir é intelectualidade com produção intelectual. Um gestor de um reino complexo como o de Judá, cercado por povos belicosos não era de esperar que desviasse tempo para a produção escrita. O que pode-se presumir e a resposta mais contundente do momento histórico que o envolve serve como confirmação para esta hipótese, é que possuía uma capacidade de oratória e de retórica impressionantes e isto aliado ao seu elevado grau de conhecimento literário-canônico-filosófico pode ter levado

a que muitos escribas, de todos os lugares, quisessem ouvir suas preleções, registrando, de modo objetivo, suas falas, aforismos, provérbios e conselhos sobre administração e a própria existência em si. Daí advir o epíteto de maior sábio que já existiu em todo o reino de Judá, superando os sábios, em sabedoria, que o antecederam no Oriente e no Egito. E aqui crio este pleonasma porque não fica transparente em que tipo de sabedoria ele superou os seus contemporâneos e antecessores; no entanto, ousou dizer que foi em termos de administração pública e de gestão do Estado diplomático, por ter mantido um período de relativa paz em seu reino, o que pode ter despertado a curiosidade e a inveja de outros povos menores que sofriam com as guerras, e a paz era um preço a que valia o esforço da aprendizagem com alguém que a havia conquistado pela sabedoria e pela diplomacia.

Esta análise demonstra que exercia uma vida plena, vivida em toda sua grandiosidade; logo, causa conflito a leitura de um texto tão sombrio como é os *Eclesiastes* e alegada a sua autoria ao mesmo Salomão que discursava para outros reis e sábios de seu tempo, aconselhando-os sobre formas de gerir seus espaços políticos.

A autoria do livro de Eclesiastes, como sendo de Salomão, continuou sendo aceita mesmo pelos padres da Baixa Idade Média que, sob a coordenação de Tertuliano, no Século IV, realiza a organização da Bíblia Católica e mais tarde, no Século XVI, por Martinho Lutero, quando organiza a Bíblia Protestante. É de estranhar o fato de que a autoria do livro de Eclesiastes não ter sido questionada por Lutero e, se o fez [*como fez*], é porque sabia que isto causaria um abalo muito grande na fé das pessoas de sua época, o que seria um ponto negativo para suas intenções, porque seria atacado pelos papas como um herege, o que faria com que os indivíduos apresentassem ainda maior resistência em aderir à nova fé que lhes propunha e apresentava.

Eis que surge um questionamento em torno não da autoria em si, mas em torno do personagem para quem é direcionada esta condição, o que já nos leva a inferir de que se trata de um livro da mais extremada relevância, sendo considerado como um elemento essencial à cultura daquele determinado povo [*o judeu*]. Sendo assim, poderia auxiliar na compreensão do porquê a sua autoria ser direcionada para alguém com tamanha importância e reconhecimento na história do povo judeu. Outro ponto relevante é que, para ser outorgada a autoria ao rei considerado como o mais sábio de toda a história judaica, é porque a sabedoria apresentada nos textos, supera a mais simples razão humana, chegando ao cume da razão numinosa, embora o texto apresente-se carregado de uma profunda angústia e de uma melancolia que ultrapassa o desejo de permanecer na luta pela vida.

Em Eclesiastes (1,1) o pregador assim diz: “Palavras do pregador, filho de Davi, rei em Jerusalém” e, em Ecl. (1,12) repete a sentença agora em primeira pessoa: “Eu, o pregador, fui rei sobre Israel em Jerusalém.”

A organização da primeira sentença demonstra que o discurso a seguir é produto de um indivíduo que afirma ser o autor da referendada obra, rei em Jerusalém, filho de Davi, herdeiro legítimo ao trono, o que a faz soar mais como uma apresentação de uma obra por um terceiro, expressa, assim, muito claramente em terceira pessoa. Já a apresentação da segunda sentença, está representada em primeira pessoa, expressa de uma forma em que buscasse validar ou conferir autoridade ao discurso apresentado até então.

Esta análise linguística, realizada sobre o textual aqui denota uma possibilidade contextual de que as referidas apresentações foram realizadas em momentos distintos e por pessoas diferentes, objetivando impor sobre ela uma condição de autoridade e, conseqüentemente, uma validade

que deveria ser conferida pelo próprio texto em si e não, por seu autor.

O sábio Qohélet jamais dependeria ou mesmo faria uso deste tipo de ação para fazer-se ouvido ou lido, porque suas palavras eram [tão] provocativas ao ponto de levar o indivíduo a agarrar-se a vida que possuía, ainda que não fosse aquela com a qual tivesse sonhado para si. A sua forma de desprendimento de tudo o que torna a existência algo supérfluo fazia com que sua leitura se desse em um nível para muito além do homem comum, que sonhava com as glórias e as benesses do poder e da conquista, o que ele vem a classificar, uma vez alcançadas, como uma simples condição de vaidade, nada mais que a satisfação de um orgulho pueril.

O Eclesiastes representa um texto que, muito mais que sabedoria para sua produção, far-se-ia necessário muita coragem para apresentá-lo ao público de forma expressa em um conjunto de aforismos que pudessem ser lidos e sobre os mesmos se pudesse terminar em perder-se em delongados pensamentos, análises sistemáticas e sínteses objetivas.

Quem o produziu encontrava-se no mais alto nível da genialidade filosófica e com o domínio da retórica escrita de um épico, ainda que seja um livro de reflexões e tenha sido tratado e interpretado como um livro de pregações, o que mostra seu caráter elevado em termos de estética e de ordenamento linguístico.

Qohélet era uma autoridade em Jerusalém e o que chama a atenção é o fato de ser um professor que vivia a ensinar pelas ruas, lembrando muito a escola peripatética de Aristóteles (384-322a.C.), porque a interpretação de seus escritos demonstra que andava muito mais a observar os acontecimentos sociais, os fatos e fenômenos, e a meditar

sobre os mesmos que, propriamente conflitar tais ações, diretamente com seus interlocutores.

A lógica do autor é muito pertinente em relação ao que envolve a existência humana e toda a conjuntura do ato de negar a sua ação de pensar sobre o que se vai e se vem em sua vida. A sua estilística linguística [*expressão oral*] é diferente do que havia em Jerusalém e era utilizada pelos sábios do seu tempo. Isto demonstra sua força sapiencial e o quanto se fazia respeitado por seus pares, uma vez que seu texto distoa de toda a composição sagrada do Antigo Testamento e ainda assim foi ali anexado como um livro de elevado valor canônico. Lógico que tiveram que utilizar uma figura histórica para assenhorar-se de sua autoria, como forma de impor-lhe a condição de não ser questionado. Demonstra, ainda que a capacidade técnico-linguística de Qohélet estava muito além da impressão que seu próprio nome causava na memória das pessoas.

Aqui tem-se um belo impasse na interpretação sobre como o texto de Qohélet foi incluído no cânone sagrado dos judeus. Um colégio de sábios rabínicos deve ter considerado a leitura como algo sublime, no entanto, a profundidade da obra poderia conduzir a uma rejeição social, logo, buscaram um alguém para apadrinhá-lo que fosse possuidor de uma autoridade política tão elevada que todos o leriam como se guardassem um desejo [*inveioso*] de absorver a sabedoria deste mestre.

Um outro detalhe que não escapa a uma análise acurada é o fato de que um sábio não precisaria utilizar sua autoridade política para afirmar sua categoria e a validade do que apresenta, logo, temos já de antemão, a garantia de que Salomão não foi nestes termos, um rei, considerado por seus contemporâneos da alta cúpula, como sendo tão sábio, em termos filosóficos, como se afirma nos textos canônicos ou como já vem sendo afirmado, a elaboração textual estava

muito além da potencialidade dos leitores, por tratar de uma análise filosófica existencial, muito profunda.

Segundo J. Líndez, a ruptura com a tradição judaico-cristã e a discussão acadêmica sobre a autoria do livro de Eclesiastes tem início no ano de 1644, quando Hugo Grotius (1583-1645), em sua obra seminal *Annotationes* “defende abertamente que Qôhélet não foi escrito por Salomão.”⁴ A partir de então, após tal afirmação, inicia-se estudos mais profundos que buscam validar ou refutar a tese de Grotius e o resultado a que se chega é que o livro foi escrito por um sábio judeu chamado Qôhélet, acerca do qual muito pouco se sabe e tudo o que se tem sobre o mesmo são inferências tomadas de interpretações e estudos sobre os momentos históricos e as condições político-sociais de vida do povo judeu daquele momento.

Muitos sábios da Antiguidade deixaram muito poucos relatos sobre sua existência e outras personalidades, devido aos seus respectivos estilos de vida que eram moderados e bastante reservados, embora fossem indivíduos a quem a maioria reconhecia por seus talentos e saberes.

Não se pode deixar de perceber pelos escritos que este mestre relegou à posteridade que possuía uma postura, considerada excêntrica para seu tempo, uma vez que se revela em seus escritos um autêntico filósofo de caráter existencialista, tratando de manter sua posição teológica como a de um sábio que conhece, em profundidade, as leis e as doutrinas sagradas, mas que expressa-se como um materialista, colocando e interpretando o [*ego do*] homem como sendo *a medida de todas as coisas*, não no sentido de compreensão de um ateu, mas de alguém que toma o ser humano como o ponto de análise inicial e o ponto último

⁴ Cf. LÍNDEZ, José Vilchez. *Eclesiastes ou Qôhélet*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 13.

desta mesma análise, aquele a quem busca a Deus e a quem Deus responde, revelando-se nas verdades que julga necessárias para sua melhor existência.

Para se chegar a estas conclusões, uma grande quantidade de tempo na mais absoluta reclusão e silêncio deve ter consumido sua existência e o fato de ter chegado a ser Sumo-Sacerdote em Jerusalém, pode que deve-se ao fato de ser um homem dotado de larga temperança em um momento em que se exigia tal condição, o que leva a pensar que foi nomeado como rei em um instante político de grande turbulência no reino e fazia-se exigência de um alguém que pudesse manter os ânimos belicosos equilibrados ou que, somente a sua presença de autoridade já era o suficiente para garantir tal equilíbrio entre as partes.

Esta afirmação posta aqui não garante que Qohélet fosse um homem vinculado à vida política e a tivesse como fim último, apenas que sua posição social o colocava em meio a este espaço e mesmo as afirmações sobre sua condição de ter sido *rei* em Jerusalém não desperta-lhe um sentimento de orgulho o qual buscasse exaltar, permitindo aproximar-nos de uma hipótese de que esta não fora uma escolha deliberada de sua parte e o que ali encontrou como administrador não o fez um indivíduo mais feliz do que era enquanto filósofo e professor.

Possivelmente, tenha sido após esta sua experiência no comando da cidade que decepçiona-se a tal ponto com a existência humana e assume uma postura de pessimismo ao analisar a vida, junto com suas nuances epistemológicas, gnosiológicas e todas as conquistas [*boas ou ruins*] que, inevitavelmente, fazem parte do ato humano de existir.

O pessimismo que sempre acompanha as preleções e reflexões de Qohélet é interpretado por estudiosos como uma consequência de um momento histórico da existência judaica em que não se tinha conhecimento [*aceitação*] de

uma condição de vida *post-mortem*. Isto conduzia a uma visão existencial sempre interrogando o porquê de se viver dentro dos limites da ética e da moral, com respeito aos desígnios divinos da fé e da crença em um ente superior.

Seus escritos tratam de realizar uma ampla análise pragmática da existência humana, em que busca ultrapassar a simples situação de saber se a vida vivida em sua justa medida vale a pena ou não. Ele exorta os seus ouvintes e leitores a pensar sobre qual o real sentido de tudo o que vive durante o tempo em que se passa na Terra.

Uma coisa é fato na interpretação acerca da pessoa de Qohélet: Ele é um sábio! E J. L. Sicre relata que ao referir-se aos sábios de Israel está-se fazendo referência a “um grupo de pessoas bastante heterogêneo, que abrange desde o educador até o filósofo ou o teólogo, passando pelos preceptores dos príncipes e da nobreza e [ainda] pelos conselheiros da corte”⁵ e J. V. Líndez complementa que “na Antiguidade, chamava-se sábio a pessoa que possuía maestria, habilidade em qualquer área da atividade humana”, podendo referir-se a uma “pessoa experiente em qualquer coisa, da magia aos trabalhos manuais ou de alta especulação”⁶, como é o caso de Qohélet.

Esta pode não ser das interpretações a mais madura sobre o exercício deste sábio em Jerusalém, porque fica a impressão de que esta sua ação é uma forma de atuação já no fim de um período de vida bastante complexo e intenso, como homem de ação ininterrupta em sua vivência social.

Quando coloco que ele possuía uma vida complexa, estou a pensar que foi, desde muito cedo, educado para ser um gênio intelectual e sendo membro da oligarquia, dado a forma fina, sublime e profunda com que escreve, deve ter

⁵ SICRE, José Luís. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 271.

⁶ LÍNDEZ, José Vilchez. *Eclesiastes ou Qóhelet*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 29.

sido imergido em grandes conflitos políticos de seu povo, ainda jovem, como deve, também ter frequentado formações excepcionais com mestres em outras cidades.

Tudo isto induz a pensar que conviveu que em um ambiente pesado, exigindo muita postura e discrição em toda conjuntura analítica, onde decisões sérias de grande impacto social deveriam ser tomadas e o que ele presenciou durante toda a sua carreira como homem político e como filósofo, o levou a uma perda de encanto com tudo o que o cercava.

No campo teológico, a forma como refere-se a vida, fazendo sentido sempre *àquilo que está abaixo do sol*, leva-me a interpretar que encontrou homens, aos quais era dirigido uma ideia de respeito absoluto com relação à fé e em seus mundos particulares dedicavam-se a posturas e atitudes contrárias aos princípios morais, ou seja, não agiam dentro da ética e isto impactou em sua visão de mundo ao ponto de ter a sua própria fé colocada sob suspeita e senão, ao menos, uma dúvida acerca da equânime justiça divina.

Muito possivelmente, o fato de separar as instâncias terrenas (aquelas abaixo do sol) das supraterras (aquelas que estão para além do sol, ou seja, nos céus), referindo às primeiras como o mundo dos homens e às segundas, o mundo divino, seja porque sua fé já era um questionamento pesado para si mesmo e chego ao ponto de dizer que, embora demonstre seu respeito e temor a Deus, é feito de uma forma vazia, mais como um pedido de perdão do que realmente como um exercício de potência deste sentimento expresso à luz da razão pura e da razão prática.

Ele separa os mundos porque, como não havia visto o outro, apenas um deles havia sido experimentado em sua vivência, ou seja, jamais presenciara um milagre, demonstra dúvidas sobre como o julgamento celestial operava, o quão justo era o Deus que [*a esta altura de sua vida*] supunha

acreditar. Não estou aqui a dizer que ele era um ateu, estou dissertando sobre a condição de espírito de um homem em conflito com sua condição de fé e com o objeto da mesma, em meio a um digladio existencial, não necessariamente em conflito com a fé que possuía neste ser.

Assim que, pode-se interpretar a obra de Qohélet como o produto acabado de um conflito espiritual, o qual não conseguiu conferir a este o devido esclarecimento sobre a vida e a existência humana, aquela que se executa e se vive debaixo do sol, limitando-se a analisar a condição de vida e não o *post mortem*, até mesmo porque para os judeus deste momento não havia este conceito e esta aceitação de uma existência para além da vida que todos conheciam, logo, nenhum sábio preocupava-se em gastar o seu tempo analisando o que não se propunha a crer como verdade.

Aqui, cabe-nos inferir na dura filosofia existencialista Nietzscheana quando ele diz que para compreender a obra de um homem [*e, deixe-se registrar o sacro fato de que não estamos a abordar a obra de um homem qualquer e sim a de um gênio espiritual*], há que conhecer antes as forças misteriosas que o motivam, o que, realmente conduz seu espírito a expressar-se de tal maneira e não de um modo diferente, ou seja, há que buscar conhecer o indivíduo que se esconde por detrás das palavras, considerando que “os livros não são escritos para esconder o que se tem de mais íntimo? Sim, duvidará, que um filósofo possa ter opiniões próprias e finais e suspeitará que atrás de sua caverna se esconde uma outra caverna ainda mais funda - um mundo mais vasto mais estranho, mais rico que à superfície, uma profundidade atrás de cada fundo, sob todo ‘fundamento’. Toda filosofia é uma filosofia da superfície, esta a convicção do solitário: ‘há nisto algo de arbitrário se parou por aqui, olhando atrás e em torno de si, se não escavou aqui mais profundamente e atirou fora as ferramentas - e tudo isso

gera desconfiança'. [Por fim], Toda filosofia esconde uma outra filosofia; toda opinião é um esconderijo, toda palavra uma nova máscara."⁷

Não faz sentido admitir que Qohélet tenha tentado esconder suas divergências e seus conflitos espirituais em seu livro; até pelo contrário, procurou expô-los com muita clareza e com uma profundidade tão intensa que coloca o homem a despido, inclusive a ele mesmo. Suas inferências separam a vida e a existência e cada uma delas deve ser analisada em separado até alcançar-se o auge da sabedoria e do entendimento sobre o que é ser alguém imerso em um mundo imperfeito em seus juízos e oportunidades.

Qohélet é um sábio, no sentido filosófico do termo, aquele que analisa, que compreende, interpreta e sintetiza a realidade do objeto observado e, como sói natural de ser, seu objeto-alvo de observação é o homem em luta com a vida que esvai-se de suas mãos como areia e este tenta, desesperadamente, transformá-la em semente, sem saber como fazê-lo.

Em sua síntese mais profunda, mais bem elaborada, está a existência humana, em toda a sua nudez e crueza, transformada em fadiga e aflição, simplesmente, por não ser capaz de vencer o desafio de viver eternamente, vendo-se frente ao fim cada vez mais próximo de si e tudo aquilo que construiu esvaindo-se sem que tenha a menor oportunidade de aproveitá-lo em sua essência.

Nos dias da mocidade, este homem que é analisado por Qohélet enxerga-se a si mesmo como a um deus, não havendo necessidade que se entregue a seu Deus, este que habita por sobre o sol, e quando o alcança a velhice, o que ele chama em suas pregações de *maus dias*, pega-se a

⁷ NIETZSCHE, F. Para além do bem e do mal. São Paulo: Martin Claret, 2006. Af. 279.

dizer que não encontra prazer em sua existência e assim roga a Deus que devolva-lhe a sua força, virilidade e vigor. Assim adverte Qohélet: “Lembra-te também do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento.”⁸

A velhice é marcada por uma série de sentimentos negativos, a começar pela perda gradual dos sentidos até pela perda impositiva da companhia de seus iguais, a falta de sentimentos de pessoas para com quem possa dividir seus pontos de vista, opinião e conselhos. Ela deixa uma marca amarga que é a impossibilidade de realização dos desejos, de satisfação do princípio do prazer, o que leva o indivíduo a desejar a morte como forma de terminar o seu tormento e alcançar determinado alívio, o que pode levar a um entendimento hipotético de que a incidência de suicídios em Jerusalém fosse relativamente alta, observação esta também realizada por Jesus de Nazaré.

O que Qohélet analisa é a questão sobre como o homem, em sua fase de alta virilidade tende a ser arrogante, considerar-se como um super-homem, como aquele ser que não necessita da intervenção divina para que possa atingir seus objetivos pessoais. Isto fica à mostra na obra *Odisseia*, de Homero, em que Ulisses zomba dos deuses e dedica toda a glória da conquista e derrota de Ílion, à sua astúcia, negando, veementemente a colaboração dos deuses e, por este motivo é punido, de modo muito severo, por Posídon, o deus do mar, até que admite que *um homem sem os deuses não é nada*.

A história está repleta de muitos outros guerreiros poderosos e também corajosos que caíram em ruína por

⁸ Eclesiastes, 12, 1. In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

não obedecerem aos preceitos e ditames divinos, ignorarem as recomendações sobre as leis sacras e não dirigirem libações e orações aos deuses e manes. A fé sempre foi um paradigma muito poderoso na história humana e entre todos os povos. Mas, o que o Sábio traz como advertência é a questão de o ser humano não saber envelhecer e toda a agonia que a velhice traz ser entendida pelos outros como uma lamentação sem sentido ou um castigo contra toda a arrogância que procurou demonstrar durante os seus dias de juventude e força.

Qohélet deixa muito claro que a presença de Deus na vida humana é um privilégio que deve ser buscado em todos os dias da parca existência humana, especialmente naqueles em que, aparentemente, não se faz necessária a intervenção divina, o que pode ser compreendido como uma blasfêmia contra o criador e afasta o ser de uma comunhão justa com aquele do qual depende toda sua glória, porque o homem da Antiguidade não poderia supor uma existência que se imaginasse sem um ser supremo a guiar-lhes as atitudes; no entanto, pelas palavras expressas pelo autor das pregações, até mesmo entre o povo escolhido de Deus, havia aqueles que incorriam em *hybris*.

Percebe-se que não interessa-lhe os motivos porquê alguns homens assim agem, apenas que pode detectar em suas observações que assim o é; portanto, tem-se que o autor do livro de Eclesiastes, Qohélet, não apenas exorta o ser humano a envolver-se na vida, se não a vivê-la em sua maior intensidade, buscando a obediência aos princípios divinos, porque de Deus provêm toda a sabedoria, mas não somente esta que permite e possibilita ao ser atingir o ato de saber enciclopedicamente acerca das coisas, antes aquela acerca de como governar o povo, administrar e aplicar com

equidade a justiça, a capacidade para se tomar decisões adequadas aos momentos e às necessidades.⁹

Qohélet faz, com esta observância que, a ética, o bom comportamento, não provêm do homem, porque este por natureza é egoísta e mal e assim age, atuando sempre em detrimento da satisfação de suas vontades pessoais e em prol do princípio do prazer, logo, a virtude é um dom que provêm de Deus, a quem o sábio deve recorrer ao tomar suas decisões, deixando claro que cabe ao homem justo e prudente, esta busca e sua espera naquele que é reto em seu juízo.

Ainda que descreva situações que fugiram ao seu entendimento, não cabia-lhe emitir qualquer juízo sobre aquilo que ocorria por sobre o Sol, referindo-se que não lhe interessava como Deus governava e como ordenava as suas regras aos homens; apenas cabia-lhe, como homem de fé, orientar a que todos seguissem os preceitos e os mandamentos morais. Ele se pega, por vezes, em conflito acerca desta situação e se mantém equilibrado, justificando-se a si mesmo que sua observação e preleções estavam fazendo referência a este mundo, o qual podia julgar e que teria, de uma certa forma, poder para alterar o que nele se passava; no entanto, exorta que ao homem cabe ser justo, não fazer justiça, ressaltando, mais uma vez a conduta ética exigida ao homem que se julga sábio e que busca viver sob os desígnios da sabedoria.

⁹ Cf. SICRE, José Luís. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1995.

O LIVRO DE ECLESIASTES

O livro de Eclesiastes é uma obra canônica, escrita em um parâmetro que foge, completamente, aos princípios dos textos canônicos clássicos, porque em sua constituição mais característica busca aprofundamento na questão da existência humana, não deixando nenhuma possibilidade de ilusão por meio da qual o homem possa orgulhar-se de sair vencedor da batalha que trava com sua vontade de superar todas as dificuldades que lhe são postas desde que vem ao mundo, não importando a este que caminho siga em sua jornada sob o sol [*parafraseando Qohélet*], se o caminho da virtude, se o caminho do mal. É um trabalho representado graficamente, no formato de aforismos onde, em alguns pontos o autor aparece apresentando-se e expressando-se em terceira pessoa do singular e em diversos outros pontos, apresenta-se expressando na primeira pessoa do singular, o que leva a supor que esta manobra com as suas palavras expressas, possivelmente seja por causa de sua profissão, que era a de filósofo, um sábio que vivia a viajar pelo mundo de então, em busca da verdade e Qohélet escolheu como seu objeto de estudos, análise, compreensão, interpretação e síntese, a existência humana e não o homem, em si.

O livro de Eclesiastes, no entanto, não pode ser lido nem interpretado como sendo um texto pessimista, apesar de mostrar-se carregado de uma profunda angústia e uma melancolia desmedida. No entanto, seu mérito como uma literatura clássica reside no fato de que realiza uma leitura do homem que é desafiado a viver intensamente a sua vida e para isto conta-se, tão somente, com sua condição de vaidade, esta com a qual ilude-se e provoca seus iguais, como se tentasse demonstrar-lhes e à própria existência impiedosa que não teme a morte, que é senhor sobre ela e

que tudo o que o envolve pertence-lhe e ele tudo pode; vaidade das vaidades, repete Qohélet.

Segundo Líndez, “Qohélet reconhece explicitamente que deleite, alegria e gozo fazem parte da [*mais alta*] ordem estabelecida e querida por Deus. A teoria e, sobretudo, a prática do povo judeu, descobriu essa orientação central de Qohélet. Por isso, foi escolhido Qohélet entre todos os livros canônicos, para celebrar a liturgia de uma das festas mais alegres e gozosas do calendário judaico, a [*sagrada*] festa dos Tabernáculos.”¹⁰

O que há de mais profundo nos textos de Qohélet é que estes induzem o leitor a pensar na relevância de toda esta alegria, todo este prazer, porque a vida é única, finita e não se pode vivê-la em outra dimensão que não seja esta a que se tem contato durante a existência sobre a Terra. E, ao mesmo tempo em que convida e exorta ao ser humano a embrenhar-se em sua vida, exaurindo a sua energia no bem viver, adverte-lhe que se esvaziada de um sentido filosófico não irá passar de um estado de vaidade, uma condição de orgulho sem nexos com a existência.

Qohélet não está com esta sua defesa de gozo da vida pregando um estilo de vida hedonista; aliás, muito pelo contrário, para ele, o indivíduo deve buscar viver a sua vida realizando uma reflexão profunda sobre o ser e o existir, seguindo uma mesma linha de argumentação como o fazia Sócrates, que defendia que a vida sem um devido exame não pode ser considerada como sendo digna de ser vivida.¹¹

Não há, para Qohélet, a imputação de nenhum crime quando o homem se dedica a um deleite espiritual após sua jornada de trabalho, encontrando-se com tal, seu estado de felicidade, coisa que a Igreja Católica vem a proibir, com

¹⁰ LÍNDEZ, José Vilchez. *Eclesiastes ou Qóhelet*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 34.

¹¹ A este respeito do pensamento de sócrates (Σωκράτης, 469-399 a.n.e.), vide a obra de Platão: *Apologia de Sócrates*.

muita virulência, punindo com um rigor deveras severo e absurdo quem não obedecesse aos seus ditames, mas, não se trata de haver nos textos canônicos do Eclesiastes a menção a que o homem deva eximir-se de uma condição de felicidade e alento espiritual em nome da salvação de sua alma.

Esta é uma questão singular, porque não havia entre judeus, neste momento, a crença em uma possibilidade de vida além da morte. Tudo se encerrava nesta vida e como M. Kundera vai afirmar, quase dois milênios depois, “não viver se não uma vida é como não viver nunca.”¹² E é nesta conjuntura de análise da situação humana na Terra que o Sábio judeu Qohélet avalia que Deus deseja a felicidade do homem e esta somente pode ser alcançada se o homem se entrega a esta busca, à satisfação de sua mais profunda necessidade ontológica de prazer e bem estar existencial.

Esta análise da vida conduz o ser humano a buscar o prazer naquilo que venha a realizar, não resignando-se à condição existencial que pesa sobre seus ombros, porém, como cômico de que há um sentido em sua luta, porque existe por um propósito que está para além de si mesmo, ainda que o desconheça, considerando que foi Deus quem assim o determinou e contra isto, há somente que atender aos ditames sagrados da fé e da justiça.

Qohélet não condena o indivíduo que luta por sua felicidade, até mesmo o induz a isto; entretanto, não deixa de alertá-lo para que no processo não se perca e termine entregue a uma mera condição de vaidade, como se o que desejava possuir não lhe representasse, a partir do instante de sua conquista, nada mais que um mero *souvenir*, um

¹² Cf. KUNDERA, M. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Círculo do Livro, 2004.

instrumento de satisfação egóica, o que ele vai chamar de vaidade das vaidades.

Ele deixa evidente que Deus deseja, acima de tudo que o ser humano aproveite bem sua vida, alcance o gozo espiritual, a suprema felicidade a partir do deleite de suas conquistas terrenas; entretanto, este mesmo Deus queria, talvez mais que qualquer outra coisa, que o homem, que é sua criação, compreendesse que aliado ao gozo está o sacrifício, a dor, a busca pela sobrevivência e que faz-se necessária, para alcançá-la, a justa medida, a temperança, o respeito ao *métron* de cada ser, sendo assim a existência humana, nada mais que uma *Cama de Procusto*. Aquele que se nega a aceitar a realidade da vida sob estes termos é o néscio a que se refere o sábio.

Afirma Qohélet que, “a sabedoria é mais excelente do que a estultícia, quanto a luz é mais excelente do que as trevas. Os olhos do homem sábio estão na sua cabeça, mas o louco anda em trevas; então também entendi eu que o mesmo lhes sucede a ambos. [E], Assim eu disse no meu coração: Como acontece ao tolo, assim me sucederá a mim; por que então busquei eu mais a sabedoria? Então disse no meu coração que também isto era vaidade. Porque nunca haverá mais lembrança do sábio do que do tolo; porquanto de tudo, nos dias futuros, total esquecimento haverá [*para ambos*]. E como morre o sábio, assim morre o tolo! Por isso odiei esta vida, porque a obra que se faz debaixo do sol me era penosa; sim, tudo é vaidade e aflição de espírito.”¹³

Qohélet refere-se aqui ao homem normal, entregue a seus próprios pensamentos e às suas conclusões acerca da existência e não da vida, em si. Ele faz, neste aforismo, uma divisão muito clara sobre a essência que compõe cada uma

¹³ Cf. Ecl. 2.13-17. In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

delas e termina por entender que a morte e o esquecimento, que se refere ao pior assombro do ser humano, recaem sobre todos, sem fazer distinção, deixando toda a atividade humana relegada a uma mera construção vazia e ausente de sentido para aqueles que o sucedem na cadeia do ciclo que se fecha com cada ser humano de modo único. Nada há que faça com que o homem prolongue seus dias sobre a Terra, nem por ser sábio ou por ser mais sábio e quando interpreta a existência humana, compreende que tudo o que se faz nesta vida pode ser tratado e interpretado como uma tentativa [*frustrada*] de satisfação do orgulho individual, o que ele chamou de *vaidade das vaidades*.

A questão levantada por Qohélet desafia a lógica de um alguém dedicou sua vida em busca do saber e estava decidido a tornar-se sábio, isto, na ânsia de que alguma resposta ou alguma coisa a mais haveria de encontrar ao fim da longa jornada e eis que termina só, enfatiado e quando observa aqueles a quem classifica como sendo tolos, eis que percebe que há neles um mínimo de felicidade e de conforto, porque o mínimo que eles exigem da vida para serem felizes é-lhes concedido; não há análise, logo, não há julgamento e assim, suas vidas se desdobram sem maiores angústias.

Eis aí que o Sábio vem colocar a questão que mais assombra o homem em sua jornada nesta vida: a negação do valor de tudo o que realizou, sentimento este despertado pelo fato de não ter alcançado a plena satisfação que tanto esperava com suas conquistas.

Faz-se necessário, assim, uma tremenda força para não sucumbir ao desespero e entregar-se a um estado de profunda melancolia, o que se pode chamar, na atualidade de depressão, tendo em vista que todo o esforço que fora empreendido na batalha termina como um fim em si mesmo. O julgamento de Qohélet é uma auto leitura do homem que

decide compreender a sua realidade e em meio a esta ação termina por descobrir que a vida, de um modo ou de outro, termina; em que para aqueles com mais sabedoria termina de modo mais angustiante e para aqueles com [um pouco] menos de sabedoria, termina de um modo mais tranquilo, porque este aprendeu a iludir-se e a não pensar no futuro, uma vez que, melhor que o sábio, descobriu que pouco ou nada pode fazer para mudá-la; assim, conforma-se ao que poderá vir a ser, ao que o Destino reservou-lhe como futuro. E aqui, aproxima-se de um entendimento acerca do que o Pregador classificou como *aflição de espírito*; representação do conflito gerado entre esta incapacidade de mudar o futuro conforme sua visão [ou vontade] e o desejo incontrolável de fazê-lo.

A fim de entender como Qohélet avalia a vida e emite os seus juízos de valor, faz-se necessário compreender qual o conceito que ele usa para representar o léxico *vaidade*. Buscando entender tal expressão por um viés linguístico-filosófico, pode-se tomá-la tendo como intenção referir-se à atitude humana de *orgulho*. Esta variante¹⁴ linguística ajuda a compreender melhor o sentido da expressão léxica textual, uma vez que o sábio afirma que tudo o que o ser humano faz está atrelado a uma busca de satisfação do eu pessoal e busca de superação dos seus iguais, buscas infinitas que não se cessam, até que se abata sobre os homens a morte.

Qohélet, em Ecl. (1. 9,11) busca explicar como se dá a transmissão dos valores por meio da cultura, em que sua aplicação sobre a existência humana faz com que tudo se pareça que é tão natural quanto tudo aquilo que envolve o homem, disfarçando a terrível condição de artificialidade que a vida humana se torna carregada. Assim se expressa o

¹⁴ Variantes “são maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.” TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 5. Ed. São Paulo: Ática, 1997.

sábio: “O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo que nada há de novo debaixo do sol. Já não há lembrança das coisas que precederam, e das coisas que não de ser também delas não haverá lembrança, entre os que não de vir depois.”¹⁵

O Sábio expressa-se aqui, deixando bastante nítido que dada a condição de orgulho, a que é inerente o espírito humano, sentimento a que chamou em suas preleções de *vaidade*, aqueles que virão depois, ou seja, a geração seguinte cuidará de apagar de suas memórias e daqueles que serão educados por eles, as lembranças de quem, de fato levantou as obras que apreciam, porque todo homem quer ser admirado e lembrado por aquilo que construiu e deixou à geração sucessora. Ocorre que não há espaço para todos na história, somente serão lembrados aqueles que fizeram coisas grandiosas durante suas existências; uma vez que tenham deixado a vida, deixam de atrair os aplausos e a inveja dos outros, com o que podem inflamar seus respectivos egos. Por isto, insistir em dizer que tudo é vaidade; esta busca pode ser interpretada como correr atrás do vento, estultícia.

Qohélet utiliza o termo *vaidade*, em dados momentos de sua preleção como se estivesse a referir-se a um estado de arrogância, com profundo e triste pesar de o homem ter se entregado a isto como uma forma de negar a sua morte e o seu esquecimento, vivendo de modo arbitrário, querendo eternizar-se através de suas ações e se isto ainda não for o suficiente que o seja, através de suas obras, porque ele, para sua maior angústia, termina por descobrir que a busca pela sabedoria acaba se transformando em nada além de uma estupidez sem medidas, porque ao fim da vida o que

¹⁵ Cf. Ecl. 1. 9-11. In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

sobra é rancor e arrependimento por não ter aproveitado o que se tinha à disposição, enquanto se tinha o vigor para tanto.

Parece que Qohélet quer exortar os homens de seu tempo e extemporâneos a encontrar uma fórmula mágica que pudesse equilibrar esta situação singular, tão profunda que atacava a todos sem distinção, mesmo aqueles que dominavam uma aparente doutrina sobre como envelhecer com sabedoria e com isto, ele chega à conclusão de que é somente um eufemismo, porque chegar à velhice pode ser um privilégio se for entendido como alguém que sobreviveu aos golpes naturais e artificiais da sua existência, mas traz consigo uma carga de artefatos que, quando contrapostos à sabedoria, o mais que faz é despertar a inveja e a ira.

Portanto, o Sábio chega à conclusão de que até mesmo a busca pela sabedoria é um ato de vaidade, porque servirá, ainda como moeda de defesa contra os argumentos da juventude, ou seja, ela é como os chifres dos grandes animais ou como a garra dos animais rapaces, uma forma de defesa e também de ataque.

Qohélet reduz, assim, toda a existência humana ao império do princípio do prazer, colocando o homem como um escravo do vício, do seu orgulho desmedido e tudo o que faz em sua vida não é [*muito*] mais que tentar satisfazer este seu desejo insano. O que ele, de fato, põe a desnudo é a violência com e na qual o homem é obrigado a ver-se embrenhado, tendo que valer-se de muitos artifícios os mais variados para não ser engolido pela mesma, ou pelo menos é isto o que se faz acreditar, mas termina escravizado cada vez mais, porque à medida que tenta superar a violência imposta pela existência utiliza um cabedal mais pesado de agressividade e na tentativa de negar o seu uso, torna-se cego e também dissimulado, ou seja, transforma-se em um delinquente profissional.

Em nenhuma hipótese, o homem comum consegue compreender o que o Pregador quer dizer, porque, pode parecer um paradoxo, mas ele não quer dizer nada mesmo, está revelando o que o homem é em toda a sua essência; possivelmente, não o fosse assim em sua origem ou em tempos menos eufóricos ou não o seria em sociedades com menos competitividade política, onde a vida e a existência [*individual e coletiva*] pudessem ser representadas de modo mais simples.

Aqui cabe um paralelo com o pensamento filosófico chinês do Século III a.C., em que os sábios desta época defendiam a pureza espiritual humana ao nascer e a sua característica e inevitável corrupção por meio do convívio social, ou seja, a sociedade é a grande perversa da história, ideia esta angariada de modo contundente pelo pensador J-J. Rousseau, quase que chegando a transformá-la em uma verdade absoluta. Mas, Qohélet aqui, deixa bem explícito que não é a sociedade em si, antes o modelo existencial que ela estabelece e impõe aos indivíduos como ideal, o que leva a [*quase*] todos a uma busca por adaptação àquele modelo, não reconhecendo, assim, os seus limites físicos e psicológicos, chegando ao limite de justificar os meios pelos fins objetivados.

Mesmo sendo um sábio que dedicou toda sua vida a investigar a essência do existir humano, Qohélet torna-se vítima desta mesma condição a qual combate com espírito armado e grande potência. Busca, na textura da sabedoria, uma forma de superar a todos os outros que o antecederam, sabendo, de igual forma que depois de si, não poderia haver chances de vir a ser superado em sua categoria e termina prostrado ante a dura verdade de que ele também foi só mais um tolo que não conseguiu compreender a essência da existência.

É neste momento que ao observar-se a si mesmo e ao que alcançou, expressa: “Então fiquei meditando: ‘Ora, aqui estou eu com tanto conhecimento acumulado que ultrapassa [toda] a sabedoria dos meus predecessores em Jerusalém; minha mente alcançou o ponto mais elevado do entendimento e do saber. Por esse motivo me esforcei ao máximo para [poder] compreender a sabedoria, bem como a loucura e a insensatez; contudo, o que aprendi, de fato, é que isso igualmente é correr atrás do vento’. Afinal, quanto maior o saber, maior o sofrimento; e [também] quanto maior o entendimento maior o desgosto.”¹⁶

O fato de se esclarecer os elementos que compõem uma determinada linha fina de pensamento não pode trazer tranquilidade a qualquer espécie de espírito, porque a investigação profunda vai até encontrar pontos que colocam o ser diante daquilo que o confronta e mesmo frente ao que ele nega, ou que de alguma maneira o próprio intelecto humano cuidou de manter escondido, com a finalidade de preservar a economia psíquica do indivíduo, entendendo que o fato de manter certos fatos escondidos e sem acesso cognitivo claro ao indivíduo representa uma proteção e não um agravamento da postura contra este.

Nem todos encontram-se prontos para reconhecerem a verdade ou tê-la exposta à sua vista e Qohélet mostra esta situação em seus versos, alegando que quanto mais se busca conhecer as minúcias da condição, mais aumenta o sofrimento, muitas vezes, porque ao ter os fatos e situações esclarecidas, condições de amizade e de confiança são postas por terra, obrigando, por vezes, por força moral a que, indivíduos antes amigos tornem-se inimigos e o que mais pesa e fere, não é a perda do amigo, mas o espaço

¹⁶ Cf. Ecl. 1.16-18. In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

vazio que surge, após a perda, no quesito confiança com relação à convivência social, tornando, assim, a existência mais pesada e amarga.

Quando o Filósofo aborda a ideia que quanto maior o entendimento, maior o desgosto, ele está se referindo ao ato de ser sábio, de conseguir analisar com ampla e extrema profundidade a maioria dos bastidores das ações individuais e de grupos. Ao se chegar a este ponto, se percebe que tudo, na vida, não passa de tramóia para derrubar pessoas, obter vantagens, fazer parte de grupos seletos, podendo compreender do pensamento exposto por Qohélet de que para o homem, não importando seu grau de instrução, os fins justificam os meios e tornar-se conhecedor disto conduz a uma perda de confiança no ser humano, como espécie e é isto o que leva o Sábio a tornar-se mais angustiado e com expectativas mais pessimistas.

Muitos pensadores escrevera sobre a questão da relação entre a intelectualidade e a infelicidade. No Brasil, o psicanalista Gastão Pereira da Silva chega mesmo a afirmar que homens considerados como sábios, como A. Einstien, M. Lobato sempre apareciam em fotos com o semblante triste, expressando um determinado grau de melancolia.

Conhecimento é sempre uma balança que não se mantém equilibrada, porque está sempre a produzir, de forma desordenada, necessidade de mais conhecimentos e junto com este vem a verdade, que termina por extrapolar os sentidos da existência normal, levando alguns indivíduos a enxergarem um lado da história que melhor seria caso não conhecessem. Pode-se observar, aqui, que o pensador faz referência a saberes, não a conhecimentos elaborados em si, o que complica ainda mais, porque acusa sua própria ação especulativa de ser causa de muitas tristezas, porque se passa a saber de mais coisas a partir do instante em que

se aprofunda na busca da verdade; no entanto, o quanto isto colabora para a suprema felicidade?

Esta é a conclusão a que chega o Sábio e suas palavras apontam para que, quanto mais se procura saber, mais se corre o risco de angustiar-se com o que vem a descobrir, porque esta é uma tendência humana, querer saber coisas que o desmerecem, crente que, ao sabê-las, poderá trabalhar para corrigi-las, desesperado que vive para ser reconhecido por seus pares. Entretanto, o tiro sempre sai pela culatra, porque o ser humano é uma criatura que é dominada, constantemente, pelo orgulho e pela vaidade, necessitando de muito tempo [*um tempo demasiado longo*], para filtrar e processar as suas emoções.

Qohélet descobre tudo isto, apenas por meio de suas observações empíricas sobre o seu objeto de estudo e a partir de sua auto análise e aconselha, em seus aforismos que o homem evite desejar saber aquilo que os outros pensam sobre si ou perder-se em elucubrações acerca da opinião alheia sobre quem é ou como se comporta.

Expressa, também, que todo o *Conhecimento* e toda a *Sabedoria* não são atributos que terminam impunes aos humanos; estes dois paramentos possuem mais um perfil de castigo que de glória [*uma espécie de condenação imposta ao homem por ter ousado romper os grilhões e se libertado da ignorância*]. Ambos funcionam como uma perversa *túnica de Djanira*: uma vez vestida, gruda-se à pele; não sai mais! E, quando tenta-se arrancar deixa pedaços de forro, que é a curiosidade [*uma dipsomania de querer saber sempre mais, uma insatisfação infinita...*] de que ainda se pode alcançar a plenitude do conhecimento, tal qual sempre se sonhou!

Mas, eis aí um paradoxo, pois, há uma infinidade de conhecimentos que trespassa e ultrapassa o ser humano, estendendo-se para trás e que se conhece uma parcela muito limitada e uma outra infinidade [*vítima tanto quanto os*

próprios humanos deste passado inexorável] que se estende à sua frente que, verdadeiramente, ignora-se.

Então, o Grande Sábio vê a si mesmo tal qual se viu *Héracles na encruzilhada*, orgulhoso pelo que conquistou, impotente ante o que não poderá, jamais, conquistar e se não ousar compreender que sua finitude o faz permanecer satisfeito com o que possui, cai-se em um vício frenético, correndo atrás do vento, sem saber o que fazer com sua existência vazia e finita e ao admitir isto, também o faz sob a condição de despertar o orgulho por sua postura de exímia coragem.

Acerca desta atitude, diria Qohélet, “isto também é vaidade!” Assim, tem-se que a angústia e a melancolia na qual termina os seus dias mergulhado o Filósofo não foi por ter dedicado a analisar a vida dos homens ou como estes a desfrutavam, mas por ter buscado a investigar e analisar o próprio homem, chegando a compreendê-lo em sua [*quase total*] profundidade psíquica.

O Sábio compreende que toda a vida humana é marcada por uma busca frenética por reconhecimento e não é uma sensação que se alcança e termina em si mesma, ela se estende *ad infinitum* e *ad aeternum*, funcionando de tal maneira que a cada momento da existência ele faz questão de vasculhar sua memória e expressar o que foi, o que fez e todas as maravilhas que o cercam, como se isto pudesse defendê-lo do esquecimento que, para o ser humano é um tipo de morte, tratado desde tempo muito remotos como um terror ou um castigo severo que era imposto àqueles que desobedeciam aos preceitos morais.

Ele descobre que o gênero humano é guiado pela vaidade e pelo orgulho [*constantemente*] e este ser um dos seus principais motivos porque entregar-se à melancolia, porque vive desejando ter encontrado inúmeras respostas [*senão todas*], no entanto, termina descobrindo, ao longo de

suas investigações empíricas que esta era a única resposta para suas dúvidas e filosoficamente, chega a mais dolorosa compreensão de que ele, assim como todos os outros, que cuidadosamente observara e analisara, também era vítima desta mesma condição singular humana, porque humano demasiado humano e não havia como mudar isto. Estava condenado a assim ser, porque desde Adan assim o foi, uma vez que este foi considerado o humano original.

Eis que Qohélet, ao admitir que o primeiro homem tornou-se vítima do seu orgulho, motivado por causa de sua condição superior, entende que tal atitude, para o atual ser humano [*considerando seu respectivo tempo histórico*] é motivo de vaidade, porque continua sentindo-se superior a tudo e a todos, não importando todos os seus percalços atravessados desde a mais antiga história civilizacional, que tem deixado seus registros marcados, em vários espaços, para possível leitura, interpretação e compreensão daqueles que os sucederam.

A situação de análise a que se dedica o estudioso continua aprofundando sua busca com a finalidade de tentar compreender como o ser humano se comporta, quando motivado e impulsionado por um sentimento de vaidade. Neste âmbito, torna-se difícil saber o real motivo porque Qohélet se angustia e afunda-se mais em sua condição melancólica. Quanto mais ele compreende que a condição humana é dada a este tipo de situações, mais ele vai se fazendo crítico do pensamento humano e de suas amplas exposições, muitas destas manifestações lhe acontecendo por meio de manifestações inconscientes, porém, expostas por meio das ações que Freud classificou como atos falhos.

Qohélet jamais havia presumido que a sua busca por um esclarecimento acerca do ser humano o conduzisse a um buraco negro no qual estaria preso e sem condições de ver-se livre dele, porque quanto mais buscava conhecer o

seu objeto e suas nuances psicológicas mais se via distante da verdade, onde a cada porta fechada novas outras iam sendo abertas e ainda mais complexos iam se tornando os questionamentos que surgia, tudo isto lhe acontecendo de modo espontâneo, o que fazia com que o filósofo a cada instante se sentisse mais inseguro em suas conclusões acerca do objeto-alvo sobre o qual encontrava-se a debruçar exaustivamente, em suas profundas análises, interpretações e preleções.

O sábio parte em busca de respostas objetivas sobre um objeto que trata a si mesmo com um viés, estritamente subjetivo, isolado de um entendimento preponderante sobre quem é ou quem pode vir a ser, embora faça projetos, planos, planeje uma vida, crie um futuro. No entanto, neste futuro criado, a seu modo e expectativa, encontra-se um elemento que permeou toda a análise filosófica de Qohélet: um sentimento ao qual ele determinou ou classificou como vaidade; variante léxica que foi aqui interpretada como sendo orgulho e que Michel Foucault trabalha como sendo um desejo muito violento de reconhecimento, não somente pelo que se é, mas pelo que se foi, pelo que se fez, dada a incerteza de poder realizar novamente.

Esta leitura do espírito humano coloca em xeque toda a divindade do homem, criatura criada à imagem e semelhança de Deus, ser puro e imaculado; sendo assim, onde havia o criador falhado na elaboração de um ser espiritualmente perfeito? Porque não se estava analisando o ser humano desde uma perspectiva alheia ao que pensava e sentia, antes a partir de seus sentimentos expressos e demonstrados em suas ações mais corriqueiras, em que elas não demonstravam o menor interesse em melhorar a vida de quem quer que fosse, intentando representar nada mais que um marco indelével na memória de todos, a busca por um tipo clássico de imortalidade.

Profundamente decepcionado com suas conclusões, assim se expressa Qohélet: “Todos esses conceitos analisei criteriosamente mediante à [altura da] sabedoria e pensei: ‘Estou decidido a tornar-me sábio’; mas logo notei que a sabedoria está fora do meu alcance...”¹⁷

De que sabedoria está falando Qohélet? Esta sua colocação se faz com um misto complexo de ligações entre o que observou, o que descobriu e o que deduziu de suas investigações; no entanto, a que, especificamente, o Sábio e estudioso está fazendo referência? Seu objeto de estudo era o ser humano e mais especificamente sua psicologia, seu comportamento e sua forma ser e de agir no tempo e no espaço, ou seja, sua existência, a expressão de seu ser.

A única aproximação que nos permite ter neste caso é que aborda aí, o conhecimento sobre a psique humana e suas motivações mais intrínsecas, admitindo que a mente humana é um objeto impossível de vir a ser compreendido, porque seus motivos se desvirtuam com uma facilidade que salta aos olhos.

Muito possivelmente, Qohélet percebeu que existia um espaço no pensamento humano que era impossível a quem quer que fosse adentrá-lo, sendo desconhecido até mesmo ao próprio indivíduo e que os saberes e as técnicas de análise filosófico-psicológicas disponíveis em seu tempo não permitiam alcançar uma resposta objetiva que pudesse explicar tal situação. Demoraria mais de 2 milênios para que uma tal técnica viesse à luz do dia, pelas mãos de um outro brilhante judeu, que adotou, assim como havia feito Qohélet, o ser humano como seu objeto absoluto de estudo e tudo que a ele estava direta ou indiretamente vinculado. Este lapso temporal pode ser compreendido como um nada se

¹⁷ Cf. Ecl. 7.23. In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

comparado com todos os processos de evolução naturais; no entanto, pode de igual forma ser entendido como uma eternidade absoluta se comparado com uma pesquisa no campo das ciências humanas e todos os benefícios que este conhecimento trouxe para toda a humanidade.

Partindo de um entendimento pressuposto de que Qohélet já era idoso, pode-se presumir que a tal sabedoria a que alega que não iria alcançar refere-se ao conhecimento pleno do pensamento humano, porque compreendeu que, mesmo sendo detentor de toda uma gama de saber que havia acumulado, chegava a um ponto crucial acerca da sabedoria, que foi muito bem apresentada por meio de uma máxima pelo filósofo ateniense Sócrates, quando inquirido acerca de sua sabedoria pelo Oráculo de Delfos: “Só sei que nada sei daquilo que sei!” Ou seja, vê-se, o Sábio Israelita, que necessitava validar toda o saber que havia alcançado e conquistado até ali, mas faltava-lhe tempo e, talvez, mesmo forças físicas para tanto.

Beltran Russel e Sigmund Freud também trataram da brevidade da vida como um agente impossibilitador de se produzir toda a obra científica de um sonho. Ao que parece, a Qohélet não pretendia criar uma nova fórmula mágica que possibilitasse um conhecimento inovador sobre seu objeto de trabalho. Ele pretendia atingir o grau de saber que o permitisse sentir-se realizado como um sábio, como alguém que pudesse dizer a si mesmo que alcançou o máximo grau de conhecimento necessário para decifrar o grande enigma da natureza e da humanidade, o Homem e sua forma de existir no mundo.

Sábio é aquele que possui sabedoria! Esta pode ser uma verdade muito patente para o senso comum e para a Era Contemporânea. No entanto, sábio é aquele que possui um amplo saber transformado em conhecimento útil para si e para os demais que o circundam e o utiliza com a devida

sapiência. Um homem possuidor de amplo conhecimento e que vivesse na mais ambiciosa vida de promiscuidade e leviandade não importando-se com seus iguais não seria mais que um tolo. E mesmo aquele que vivesse na mais profunda privação do gozo da vida, alegando que esta é a mais correta atitude e assim o fizesse, porque assim ordena os deuses é um orgulhoso, vaidoso e hipócrita escondendo-se sob um véu de puritanismo, porque ignora a vida em sociedade e Aristóteles (384-322a.C.) diria que ele é ou um deus ou um animal, porque somente os deuses e os animais vivem só.¹⁸

O sábio goza a vida em sua plenitude, sabendo dos seus limites como homem e como cidadão. Qohélet é um homem que conhece a vida em todas as suas minúcias, um observador acurado do cotidiano humano e como este ser se comporta, mesmo que viva toda a sua vida perseguindo o vento, em uma luta sem fim, conforme se expressa o autor de Eclesiastes. Ainda assim, o homem sabe e reconhece a diferença entre a temperança e a estultícia.

Para Epicuro, o sábio representa o homem prudente, aquele que não atribui sua sorte aos deuses, mas, embora os venere, entende que seu estado de vida depende de suas escolhas realizadas com toda a vida prudência, baseada na busca do prazer e na perscrutação dos desejos. Em linguagem moderna, parece possível dizer que o sábio seria aquele que assume sua responsabilidade moral sobre a sua própria existência, pois deixa de atribuir aos deuses a sua sorte ou o seu azar. O sábio entende que há alguns eventos necessários (*anágken*) na natureza, outros casuais (*túches*) e outros ainda, que dependem [*tão*] somente de si próprio (*par'hemás*).

¹⁸ Cf. ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2007.

Neste sentido, pode-se perguntar: Que busca foi esta que representou para Qohélet tamanha decepção ao ponto de que se expresse mergulhado em profunda melancolia? A resposta que mais se aproxima de uma verdade é a que é demonstrada pelas suas palavras e por suas análises, onde ele buscou uma compreensão mais ampla da existência e do pensamento humano e termina descobrindo que isto representa uma busca infinita e que uma única vida não seria suficiente para atingir a excelência da compreensão de um ser tão complexo como o é o ser humano. Sua busca inicia-se fundamentando na existência humana e como sói muito natural de que aconteça deflagra-se na essência do pensamento humano e a partir daí, nada mais faz sentido, tanto que toma como principal fundamento para explicar a ação contínua humana, o sentimento individual de orgulho e termina sem compreender o porquê do agir humano desta maneira.

Qohélet, o grande sábio que se dedica a analisar a essência da existência humana acaba por encontrar-se ele mesmo vítima de uma profunda crise existencial para a qual não possui explicação; vê-se a si mesmo impotente ante à exigência de uma explicação e como se mostra não possuir uma fórmula mágica que possa salvá-lo, assim se expressa: “Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade” (Ecl. 1, 2). Por este singelo motivo, dizer, com profunda angústia e melancolia que a sabedoria não estava ao seu alcance.

Fazendo um *logos* analítico, tem-se sua afirmação de que não a havia alcançado, embora fosse considerado por todos como o homem mais sábio que já existiu em toda Jerusalém, tendo superado a todos os outros sábios da história, por sua sabedoria. Este era um fato que o enchia de orgulho, mas, quando via-se diante do espelho e de si mesmo, encontrava defrontado pela verdade de que isto era

nada mais que um sentimento de vaidade. Desprovido de tal sensação ele voltava a ser um alguém em busca de algo que nem mesmo ele sabia o que era ou o que significava, porque não havia ainda encontrado ou sentido, de fato; por este motivo referir-se à busca da sabedoria como uma caça de vento, ou como uma corrida atrás do vento.

ANGÚSTIA E MELANCOLIA NAS PREGAÇÕES DO SÁBIO QOHÉLET

J. L. Sicre afirma que o livro de Eclesiastes coloca em dúvida todas as conquistas do povo judeu até então (Século III a.C., quando o livro é escrito) e instaura uma crise profunda na sabedoria que até então era representada com grande otimismo por seus predecessores. Relata, ainda, que a crise exposta por Qohélet deve ser interpretada como “enriquecimento, aprofundamento nas mais graves questões da existência, desejo de penetrar no mistério, luta incansável pela busca da verdade”¹⁹, acerca do homem e de seu existir, a partir da leitura sistemática de seu próprio espírito irrequieto.

Esta crise pode estar assentada sobre o sentido de que ninguém havia, antes de Qohélet, se dedicado a um estudo complexo e profundo que buscasse compreender o ser humano em sua essência, como um ser que pensa para além de si, imerso e ao mesmo tempo é dominado por um mundo inconsciente, este sobre o qual o indivíduo não pode e nem detém o menor controle.

Como todos aqueles que antecederam ao Pregador ignoravam esta condição *sui generis* do gênero humano, era como se ela não existisse, logo, bastaria a palavra dita pelo sacerdote para que esta criatura se fizesse temeroso a Deus e assim estava encerrado toda a busca pelo modelo ideal de homem e, conseqüentemente, de sociedade, porque esta, havia sido encontrada.

Outro ponto em que a história pregressa dos judeus exaltava era a condição de liderança [quase] infalível de seus escolhidos por Deus para guiar e comandar o povo

¹⁹ SICRE, José Luís. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 276.

hebreu, colocando a todos estes como seres intocáveis e imaculados, mesmo diante de suas falhas mais grotescas e determinados acessos de desequilíbrio quando confrontados com a dúvida, com as incertezas e com o mais poderoso dos martírios: o *silêncio de Deus*, em que suas condições de fé foram postas em questionamento, não somente por eles, como por seus seguidores.

Ao colocar a criatura *a desnudo*, expõe os erros do criador para aquele que não sabe analisar a obra de Deus em sua mais profunda categoria, que é a concepção do livre arbítrio à sua criação mais genial, porque cria que sendo perfeita jamais se desviaria do caminho da suprema virtude e, estranhamente, Qohélet crê nisto, mas entende, a partir de suas observações e investigações empíricas que, para além do simples pensar a vida e atuar nela, o ser humano é motivado e induzido a agir de determinados modos que não se pode explicar pela simples razão de assim ser, um ser que pensa não poderia entregar-se a certos procedimentos que contrariam o bom senso e as expectativas acerca de sua postura.

Nisto começa a compreender que o ser humano não é tão livre e isento como deseja ser apreciado em sua vivência. Teria que haver um elemento mais profundo que o conduzia a agir de determinada maneira, exercendo sobre si uma força [tão] imperiosa que tolhia-lhe todo o seu senso de liberdade e de livre arbítrio, transformando-o em um mero escravo de seus desejos mais intrínsecos e obscuros, os quais deixava entrever e ainda os expunha, por meio de sua vaidade, da qual orgulhava-se ainda de modo exaltado, como se esta representasse a única coisa que importava de fato, em sua vida, porque fazia-o sentir-se como alguém reconhecido, superior, poderoso.

E o que o Sábio não conseguia entender quais eram os motivos porque ainda continuar a buscar mais e mais

coisas para além de si e de suas forças, conquistas estas que não trariam nenhum tipo benefício a si mesmo, nem faziam qualquer sentido. Quanto mais o Sábio Qohélet se aprofundava no sentido de compreender o homem, mais se descobria ignorante sobre acerca de seu objeto de estudo e de seu comportamento. Isto o entristecia e percebia que isto era um tipo de vaidade não realizada, então se vê obrigado a admitir que jamais conseguiria descobrir a verdade [*o que ele chamou de sabedoria*] sobre este ser e compreende que, o fato de o admitir é, de igual forma, um ato de vaidade.

Assim o é e compreende, porque sendo o mais sábio de todos os reis que o anteciparam em Jerusalém e que governaram sobre toda a Judá e não conseguindo realizar uma análise interpretativa sobre o ser humano, ao admitir tal consequência nefasta, já deixa nas entrelinhas que ninguém depois de si fará possível tal compreensão. Em um ato de suposta humildade, exalta-se sobre todos, condenando-os a jamais arriscarem a darem por mérito tal conhecimento. Ele acaba cometendo a pior das vaidades, a de comparar-se a um deus, insuperável em seus talentos, dons e capacidades intelectuais, condenando toda e qualquer investigação sobre o assunto a um empreendimento [*já de antemão*] condenado ao fracasso.

Qohélet está falando, não do homem de seu tempo em comunhão com seus iguais, mas do indivíduo em guerra consigo mesmo, perdido, impossibilitado de encontrar-se, porque desconhece os caminhos que podem levá-lo até o seu autoconhecimento. Não existe para este ser um Deus que o ilumina e o guia, embora creia em um ente superior, mas sabe que esta adoração é nada mais que um preceito cultural implantado pela tradição em seu espírito, porque, quando em conflito com seus pensamentos mais sombrios não consegue mirar-se a si próprio no espelho da vida e sua angústia eleva-se ao extremo quando se vê na mesma

medida que o animal, que não pensa, que não sofre o peso da indecisão, da angústia e da melancolia, não constrói nada para o futuro e assim, também morre, e ele que muda o pensamento, que constrói, destrói, ergue, edifica, sacrifica, também morre e ao não encontrar uma resposta enxerga-se desesperado, não pela inevitabilidade da morte ou pela brevidade da vida, mas pela angústia causada pela falta de uma resposta e, então clama a seu Deus por uma resposta e quando não a obtém, não é a falta dela, novamente que o leva ao desespero, à angústia e, por fim, à melancolia, mas o silêncio de Deus.

Então, vê-se diante do seguinte dilema: Por que Ele não *me* responde? Por que não se expressa, a mim, de alguma maneira? Então, este homem, enxerga-se diante de um silencioso vazio, olhando para dentro dele, com tamanha profundidade que este mesmo vazio responde-lhe, passa a olhar para dentro de si e igual a ele, também não consegue enxergar nada, e, por isto, não o responde. Sendo assim, ele se encontra... perdido em sua própria crise existencial, perguntando não *'quem sou eu'*, mas realizando a pergunta mais original e primitiva do gênero humano, que marcou, por toda a sua vida a mais profunda angústia e melancolia de Adão, o primeiro homem: *'O que sou eu?'*

Qohélet não vê o homem como um ser indefinido, antes que se define pela vaidade e somente por ela e a partir dela, entendendo a expressão utilizada como *definição* como reconhecimento, ou seja, uma vez que seja ou se veja reconhecido como indivíduo, como um ser que realiza feitos maravilhosos, não para o seu bem-estar pessoal ou de seus iguais, antes para satisfazer sua ânsia de poder e domínio sobre todos os outros, por toda a existência, porque o que se pretende construir é algo que possa atravessar a história humana como sendo única no tempo e no espaço e quando aproxima-se a hora de sua morte, sente-se ressentido por

não ter realizado seu desejo, não por não tê-lo alcançado, mas por correr o risco de ser superado por um outro que venha depois de si. Passa sua existência escravizado pelo sentimento de vaidade, oprimido por um desejo que não domina, nem sabe porque existe e nem se é possível que venha a ser real; no entanto, basta a existência da menor possibilidade em sua cabeça para que se entregue ao mais incompreensível desespero e a uma profunda e dolorosa aflição de espírito.

O pensador não dirige uma crítica contra o homem, antes tece um alerta para que procure compreender-se como alguém que está sujeito a uma manipulação, por meio de seus sentimentos, realizada por um ente desconhecido e da mesma forma que esta entidade diga que o ser humano vive em busca de satisfação, regido pelo princípio do prazer e que ele tenta proporcionar-lhe tal coisa, quando não se atinge o objetivo almejado esta frustração se transforma em um sentimento reverso de amargura e ódio, o que provoca angústia e melancolia.

Sendo assim, qual a saída? Deixar que se explore todas as variantes do desejo em nome da felicidade? Isto causaria um estado de caos assombroso, porque a cada sentimento satisfeito surgiria um outro mais elevado e mais desastroso, exigindo uma condição de esforço muito mais pesada e, conseqüentemente, mais difícil de ser atingida, o que leva, inevitavelmente, à angústia, porque existem coisas na vida que não podem ser alcançadas, seja elas tangíveis e/ou intangíveis.

Por ser uma criatura de espírito incompreensível, porque sempre insatisfeito com suas conquistas, valendo a máxima, desejo satisfeito é desejo instinto, o que Qohélet orienta é que o homem goze a sua vida, em toda sua plenitude, buscando a felicidade naquilo que alcançou como bem que o completa, daí que aconselha que viva a sua

alegria ao lado da mulher que ama, uma vez que, muito sabiamente, deve ter percebido que o amor era uma busca intransigente e jamais encontrada, ou seja, outra causa de angústia. Por fim, tem-se que toda a existência humana é marcada pela angústia e pela melancolia, assim sendo porque o ser humano não aprendeu, como de igual forma não foi-lhe ensinado como gozar a vida a partir de sua conquista, o que pode ser considerado como sentimento de vaidade; no entanto, viver sempre à espera da conquista da felicidade suprema por meio de um dever desconhecido é viver eternamente condenado à angústia. Portanto, o Sábio aconselha que o homem viva de sua vaidade e seja feliz com o prazer que ela lhe proporciona, para que não venha, em sua velhice a blasfemar contra o seu criador.

Neste nível de análise e interpretação, Qohélet não se dirige, muito menos as suas reflexões ao homem comum, ordinário, elas estão direcionadas ao indivíduo que alcança o entendimento superior sobre o que seja viver, existir, ser para fora, entregar-se à vida em busca da vida, aquele que a entende em sua brevidade e ausência de perspectiva, a não ser a garantia da morte, mas que mesmo assim, este homem entrega-se a ela e continua a buscar por seu lugar na existência, como diria o Zaratustra de Nietzsche: *‘Eis a vida, então, vamos à vida!’*²⁰

Este é, caracteristicamente, o homem possuído e dominado pela vaidade, objeto-alvo explícito de Qohélet, porque é este indivíduo, patológico, que ousa para além de si porque deseja ser reconhecido pelo que é, pelo que fez, pelo que poderá vir a ser e pelo que poderá fazer, caso tenha condições e oportunidades para tanto.

Este é um ser humano que desperta a inveja de todos à sua volta, disfarçada aqui, de admiração e respeito,

²⁰ Cf. NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Escala, 2009.

porque ele supera o que há de mais indefensável ao longo da vida, tornando-se ele mesmo um ser que supera a razão de ser da existência e a constrói sobre fundamentos que desafiam a lógica do seu [*suposto*] destino, este que se acredita ser escrito muito antes de seu nascimento, por algum deus que determina seus rumos, mais ou menos dirigidos para além ou para aquém da realidade existencial que se encontra.

Quando se depara com esta interpretação do ser humano que analisa, vê-se, ao mesmo tempo encantado e iludido com seu valor, porque é este indivíduo que supera todos os desafios que a existência coloca e faz com que as dificuldades e os problemas que interpelam a existência sejam superados e/ou solucionados, a partir unicamente de sua vontade, como se ele fosse uma figura que já nasceu escolhida para liderar outros seres e a iluminar o caminho de toda uma população depois de si, por meio exclusivo de seu exemplo, ainda que seja, paradoxalmente, um apóstata, representando, assim, um amálgama para a natureza social.

Ele interpela a vida sobre seu espaço nela, como um ser da razão, e não espera uma resposta acerca de como vai solucionar os problemas que lhe aparecem ou se estes estão para muito além de si. Arrebata todos os sincronismos que podem erguer à sua volta e com isto, coloca a roda da existência a girar a todo instante, algo como se ele mesmo representasse um poder paralelo ao que Deus representa para si.

A toda esta exaltação de poder, o sábio confere o nome de Vaidade, um sentimento que vai transformando toda a postura humana em uma luta por seu lugar no tempo e no espaço. Em nenhum momento considera este guerreiro como um ateu, apenas como um alguém que luta para sair da sombra de sua existência e tenta alcançar a luz da razão sob a luz do sol, uma vez que por seu tempo, ainda não se

cria na existência de uma vida para além desta que se tem conhecimento.

Esta condição limitante da existência do homem, Qohélet percebe como sendo uma condição de angústia, porque por mais que se fizesse e se lutasse ou mesmo se negasse a proximidade do fim da vida, marcada por uma série de apresentações inevitáveis e perceptíveis a todos, a tendência era que se perdesse a batalha e ter que admitir que morreria, que não sobreviveria para além daqueles que eram bons e nem daqueles que eram maus, daqueles que agiam com retidão e daqueles que expropriavam o bem público e aos seus iguais tornava o pensamento sobre a vida e a existência um exercício muito doloroso e quem a ele dedicasse deveria estar muito seguro acerca de suas potencialidades como homem de fé, em si e em seu criador, além de estar consciente de sua finitude, não negando-a em nome de um alívio e de um bem-estar frívolo.

Qohélet compreende, a partir de seus estudos, que somente ao homem dotado de espírito elevado é possível aproximar-se de uma análise sobre a *sua* existência e dizer sim à vida, mesmo tendo consciência de que ela não passa de um exercício, com princípio, meio e fim, deixando como maior legado a morte, o esquecimento. Por este motivo, o desespero a que a maioria [*quase absoluta*] dos humanos é tomada ao fim da vida. Quando começa a perguntar a si mesmo o que fez durante sua [*efêmera*] passagem pela Terra e não encontra nada que satisfaça sua condição de vaidade, que possa sobreviver ao tempo, se angustia e mergulha na melancolia.

O próprio Sábio Pregador encontra-se neste dilema, sem saber que sua obra escrita e seus pensamentos sobre a vida e a existência haveriam de superar-se a si mesmo e milênios depois ainda seria capaz de provocar e despertar questionamentos sobre estas duas instâncias singulares ao

ser humano e sobre sua pessoa, na tentativa de entender o porquê de seus dilemas ante a fé e o ato de ter fé, de ser e de existir.

Não admira que, alguns autores, como Haroldo de Campos, refiram-se ao Eclesiastes como um livro estranho. A análise mais acurada e a leitura profunda deixa entrever que este não foi um livro escrito com a finalidade de ser publicado, o que explicaria a epígrafe em que mostra-se muito mais como uma apresentação em terceira pessoa e não de caráter autoral própria.

É, sem dúvida alguma, um livro profundo, de análise muito complexa, porque ao mesmo tempo em que diz que tudo na vida, todas as conquistas, todos os ganhos e superações não são nada mais que vaidade, ou seja, o homem é um mero escravo desta condição, um servo de seu orgulho incondicional, ao mesmo tempo, exorta o ser humano a buscar a satisfação e a realização de si, a ir mais além de suas conquistas, uma vez que esta é a única lembrança de si que deixará para a posteridade, pois, como homem, como indivíduo, será esquecido pelas gerações seguintes, tal maldição valendo-se tanto para o sábio quanto para o néscio; tanto para o Rei quanto para o mais humilde servidor.

O editor apresenta Qohélet como tendo sido Rei em Jerusalém e ele próprio, em Ecl. (1, 12), afirma ter exercido tal ocupação, o que já deixa transparente duas coisas sobre ele: que não era ateu, que conhecia as leis, os fundamentos e os princípios da religião judaica e que era casado, uma vez que esta última era uma exigência legal e tradicional àquele que fosse o Sumo Sacerdote; logo, temos outra interpretação acerca da pessoa de Qohélet, era Teólogo; logo, ao expressar o desejo de tornar-se *sábio*, pode estar a referir-se a adquirir domínio sobre a Filosofia existencialista,

o que, na atualidade, pode ser comparado ao campo da Psicologia Social.

Não nos deixa muitas dúvidas o fato de que Qohélet sabia do impacto que poderia ter o seu manuscrito sobre todo o povo judeu e sua fé; logo, tem-se duas hipóteses: a primeira, a de que ele não quisesse que estes escritos seus fossem publicados, o que foi feito, contrariando sua vontade, expressa em vida. A segunda é que seus escritos fossem publicados após sua morte, quando uma análise e uma interpretação não deixassem dúvidas sobre sua fé e respeito à sua religião. O que fica patente é que foi um grande Rei, muito respeitado, a tal ponto de que sua obra em específico, Os Eclesiastes, tenha sido consagrada como o maior dos ensinamentos que um Sacerdote poderia deixar para o seu povo; aquela sabedoria que fala diretamente ao espírito humano, como se fosse o próprio Deus, em pessoa, a estar ali, a refletir e a expor seus paradigmas acerca da existência humana.

Qohélet é um livro tão complexo que, o entendimento de que o autor seja um ateu, um completo desiludido com sua fé, já faz com que o leitor se veja refletido em suas páginas e palavras como a uma criatura [tão] insignificante ante a vida que o único caminho que se torna plausível para extraí-lo da sua angústia existencial e da melancolia que o consome, seria o retorno imediato aos braços poderosos e acolhedores de Deus.

Ocorre que o homem é um ser que, ainda que se diga dono de seu destino e de sua vida e de sua morte, como se supunha que o fosse na Antiguidade, não pode decidir deliberadamente por sua existência, uma vez que está entregue a um ordenamento social, este que determina sua sujeição a princípios de garantia e de condenações quando não segue tais preceitos. Isto faz com que a vida se transforme em um fardo ainda muito mais pesado, mais

impiedoso, conduzindo o indivíduo a uma angústia muito mais poderosa que a negação de tudo isto. Mesmo assim, não nega e continua a buscar alento e valorização para tudo o que pensa em elaborar, tornando-se, assim, escravo da sua vaidade, porque não encontra nenhuma outra forma de ver sentido em sua existência, que é finita em si mesma e condenado a ser esquecido entre tantas lápides frias, esta nem sendo mesmo uma construção sua.

A proximidade da morte o assusta e deprime ainda mais porque não existe por este tempo [*Século III a.n.e.*] nenhuma expectativa, entre os judeus, de que o corpo vá para junto de Deus, coisa que o Poeta já deixa claro em suas pregações ao afirmar que o corpo representa nada mais que húmus, pó e ao formato de pó voltará e o espírito voltará para junto de Deus que o deu, não restando nada além de uma fé e uma devoção àquele que partiu e que, em muito pouco tempo será esquecido, devido a um fato que ele não podia explicar em seu tempo, mas a ausência física do objeto o condiciona a ir perdendo seu poder imagético sobre a memória.

Aqueles que estão mais jovens fazem juras, uns aos outros, de que jamais se permitirão esquecer o outro e este, conforta-se para que o espírito alheio não sofra mais que o seu com esta crença pueril, o que somente confirma a fala de Qohélet, de que tudo é vaidade e cada qual, a seu modo vai engrandecer-se por sua postura moral de não ferir os sentimentos pueris do seu companheiro, fingindo crer em tal firmamento de cumplicidade mnemônica.

Qohélet vai descobrir, para sua maior angústia, que a existência humana é fundamentada na condição de vaidade e ausente tal situação, toda a vida individual e social perde completamente o seu sentido e a razão maior [*ou única*] de ser. Sendo assim, o que fazer? O quê e como escrever sobre tal conceito passa a ser um tormento para o pensador,

porque ao buscar os meios filosóficos com que educar o homem de seu tempo, descobre um elemento que compõe e que conforma o espírito humano desde sua mais primitiva origem, conduzindo toda a sua construção para o futuro sobre o qual ele não poderia dizer um nada a mais, mas já demonstrava entender que o objeto-alvo de seu estudo era uma peça que auxiliava no esclarecimento de tudo o que antecedia a si.

Qohélet representa uma obra que está debruçada sobre um objeto que a perscruta e a atravessa ao mesmo tempo em que é esmiuçado e [*tenta ser*] feito compreendido. Em nenhum momento refere-se ao que já foi como algo que está acabado, entendendo esta expressão como um fim em si mesma, mas como algo que se move no tempo e no espaço influenciando este, [*quase*] obrigando-o a modificar-se, a fim de adaptar-se aos novos contextos epistêmicos que se lhe apresentam.

Logo, tem-se que este representar um dos inúmeros motivos porque Qohélet não se trata de um livro para ser tão somente lido; deve, antes de tudo e qualquer coisa, ser estudado, analisado, compreendido, interpretado e somente a partir daí surgir a condição de se poder construir uma síntese existencial entre a *episteme* e a *phrónesis*, aquilo que se é e aquilo que se pode vir a ser.

Trata-se de um livro que exige do leitor um profundo preparo científico, capacidade profunda, acurada de análise e conhecimento elevado acerca de si mesmo, como pensa a vida e a enxerga a partir de uma postura teológico-filosófica. O momento em que é produzido pode aplicar sobre o leitor desprevenido a impressão de que todos os homens daquele momento representavam figuras resolvidas intelectualmente, o que não condiz com a verdade, pelo simples fato de que a Filosofia havia nascido três séculos antes e mantinha como principal objeto de análise o pensamento e a existência

humana e todos os seus componentes mais intrínsecos e invisíveis aos olhos humanos, como a sabedoria, o amor, a fé, a política, o comportamento e a paixão.

Qohélet é este tipo de livro que diz, com todas as letras e argumentos possíveis que a vida é uma estrutura complexa, além de ser vivenciada por uma figura, também, marcada por uma condição psicológica complexa, estranha, não compreensível se intenta ser vista pelo lado externo de sua condição. Nas palavras do exegeta Haroldo de Campos, “Qohélet (o Eclesiastes) é um livro [*muito*] estranho. A um observador moderno, viciosamente inclinado a projetar uma impertinente mirada retroativa sobre o passado – o Século III a.C., época em que o livro do Pregador teria sido escrito – seu texto causa um choque.”²¹

O texto de Qohélet provoca este assombro no leitor incauto, porque ele mostra o ser humano que existe por detrás do manto, não mais a figura pública, mas o homem doméstico, isolado em seu mundo particular, a viver o seu assomo de insegurança e desequilíbrio, orando a Deus em busca de fé ou para não perder aquela pouca que acredita possuir. Mostra um indivíduo em crise existencial consigo mesmo que, nada mais é que a realidade humana vivida em sua plenitude.

Àqueles que estão acostumados a ler a Bíblia e que foram doutrinados a ver nela a mais pura revelação divina, tendem a fazer uma leitura superficial e muito rasa do que o Poeta exorta a todos a enxergarem. É somente quando se aprofundam no campo da hermenêutica que passam a entender que há uma criatura em conflito que transita nas entrelinhas do texto canônico, o que pode [*até*] parecer um paradoxo, mas se trata, aqui, tão somente de um paradigma

²¹ CAMPOS, Haroldo de. *Qohélet = o-que-sabe*: Eclesiastes: poema sapiencial. São Paulo: Perspectiva, 1991, p. 12.

humano-existencial, em que a vida deve ser analisada e escrutinada em sua mais profunda minúcia, porque assim o exige uma vida que venha a ser considerada digna de ser vivida (parafrazeando Sócrates [469-399 a.C.]).

A obra mostra aquilo que se é e o que se pode vir a ser, ou seja, a sabedoria está para ser compreendida em sua profundidade e não somente para ser um componente do orgulho humano, o que vai de confronto ao que se espera de uma existência bem vivida, bem analisada e bem estruturada, dado que quanto mais se busca conhecer sobre o universo, mais limitado vai se mostrando o seu intelecto e mais ignorante de sua totalidade vai se fazendo o [*potencia!*] conhecedor de sua amplitude que vai crescendo de modo exponencial e não diminuindo ante suas descobertas.

E, o maior assombro de Qohélet é que este universo sobre o qual se debruça é o próprio ser humano, criatura divina, uma partícula muito diminuta do espaço, perdida no tempo, incapaz de compreender o mundo que a envolve e descobre-se, com toda a sabedoria adquirida, incapaz de compreender o mundo que internaliza, ou seja, a si mesmo, permanecendo, assim, eternamente um mistério para sua sabedoria. Esta, a causa da angústia do Sábio, seu orgulho ferido, por ver-se fracassando onde buscava alimentar a mais extensa certeza de que seria vitorioso e um expoente da verdade.

O Pensador, Poeta e pregador não está buscando uma explicação para a existência humana, ou porque ela ser assim e não de outra maneira. Apenas aponta para o que ela é, em todas as suas deficiências, porque administrada por alguém imperfeito que ousou afastar a divindade de seu terreno, fazendo do universo uma escala que se separa entre o mundo sensível e o mundo supra sensível, o que ele chama, em sua obra de *mundo que existe abaixo do sol* e o *mundo que está acima do sol*.

Nesta cisão, o Sábio já apresenta um mundo ideal, governado por Deus e um mundo representado, governado pelos homens, que não pode ser perfeito, porque a justiça e o juízo deste mundo é realizado a partir do que os humanos julgam como ideal. E este julgamento se dá sempre partindo do orgulho que o julgador detém como sua máxima de valor. Este, o principal motivo o qual leva muitos estudiosos a sentirem-se desconfortáveis com a leitura mais profunda de Qohélet; o texto apresenta-se como a um espelho invertido, que mostra a imagem real do observador, não um reflexo invertido. O leitor enxerga-se a si mesmo nas palavras do filósofo, a partir do instante em que busca compreender o autor e torna-se, assim, objeto de sua interpretação.

O livro de Eclesiastes impacta pela profundidade do que está ali exposto, não pelo conteúdo em si, que exige uma capacidade acurada por parte do leitor para que o compreenda em todas as suas nuances e como se aplica à realidade individual. Uma coisa é transparente na obra, a retórica utilizada por Qohélet não deixa sombra de dúvidas acerca da brevidade da vida e assim a exigência [*imposta por si própria*] de ser vivida em plenitude, ao lado da mulher que se decidiu amar e da família como um todo, porque esta mesma vida, boa ou ruim, acaba; todos morrem, tudo e todos voltam a ser pó, como o era antes de seu nascimento e o espírito volta a Deus, que foi quem o concedeu aos seres humanos; portanto, não existe outra vida com a qual se possa comparar com a que se vive aqui ou que, ainda se possa consertar os erros cometidos.

Trata-se de uma meditação sobre o próprio ato de existir individualmente, desprovido de qualquer expectativa ou perspectiva, uma autoanálise do que seria a própria vida perscrutada, escrutinada sob um microscópio de um filósofo-psicólogo existencialista.

Qohélet, no entanto, não tenta dar sentido algum à existência humana, a partir de sua exposição escrita; tal condição nasce e ganha corpo no instante em que mergulha na reflexão daquilo que não está expresso. Seus aforismos expressam o que observou, debaixo do sol, ou seja, nesta vida, em sua existência e nada foi-lhe revelado por Deus, e ao final deles, utiliza sua expressão mais conhecida: *Tudo é vaidade!*, A vida é nada mais que isto, entregando-se a uma explanação breve da diferença entre o que é ser e o que é existir. Já, para Izabela Leal e Márcio de Carvalho, “dar significado à vida representa uma problemática essencial em Eclesiastes: causa e consequência, ou a esperança de que o justo seja recompensado e [que] o perverso conheça punição. Qohélet acaba resignando-se à injustiça, [talvez] pela constatação [de] que por muitas vezes [é] o justo [que] irá padecer enquanto o mau prospera.”²²

Qohélet não se entrega ao desatino da injustiça, por ver, em alguns casos e não raros, os injuriadores vencendo a lei e saindo-se ilesos do martelo da justiça e muitos justos e retos sendo punidos ou, ainda não tendo a sua justa causa sendo julgada com a devida imparcialidade. O que ele faz é um alerta para que, aqueles que venham a ser juízes e testemunhas que assumam suas respectivas posturas ante à verdade e não se deixem levar por suas condições de vaidade e leviandade.

Partindo de suas observações e análises, conclui que o julgamento humano é [na maioria das vezes] injusto, sendo corrompido pela vaidade ou pelo puro desejo de uma oportunidade, ao favorecer a alguém. Desde sempre que, aqueles que detém maiores condições sociais de poder se

²² LEAL, Izabela; CARVALHO, Márcio de. Eclesiastes, um diálogo entre dois sábios: O-Que-Sabe & Haroldo de Campos. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 01-15; maio 2017. ISSN: 1982-3053, p. 09.

impõem sobre os menos afortunados e a estes vai restando somente a justiça oferecida pelo Estado, que é representada por homens corruptíveis por muita coisa e, às vezes, por muito pouca coisa.

Sendo assim, o Filósofo judeu exorta o homem a não perder a sua esperança na justiça e nem a corromper-se, sendo arrastado para o caminho da injustiça, simplesmente porque há juízos em que não se pautam pela retidão e em muitos casos, o juiz está impedido de fazer valer a suprema lei, porque como aplicador da lei, depende de seguir os ditames e os ordenamentos sagrados.

Ele próprio, para que se refira a tais procedimentos com tamanho grau de sentimento e paixão, misturado com revolta e mal-estar, deve ter proferido juízos em que sabia estar punindo um inocente, um justo e deixado impune um malvado; assim, em muitos casos, não fazendo justiça a quem fosse de direito.

A corrupção sempre estende seus tentáculos sobre os mais indefesos, transformando estes em baluartes dos perversos, onde a condição de miséria obriga a todos a temerem perder as suas parcas migalhas que se tem para contar e sobreviver, mesmo de modo muito indigno. Pouco ou nada havia que se fazer por estes indivíduos e isto, com toda certeza, enche o seu espírito de pesar e chega mesmo a indignar-se com tais situações; no entanto, chega a mais dolorosa conclusão de que tudo isto é humano, demasiado humano.

Nada há mais que se possa pensar sobre a justiça que debruçar no campo da expectativa e este é o pior de todos os sentimentos a que pode ser submetido um homem, porque como diz F. Nietzsche, a esperança prolonga os sofrimentos do homem e isto, parece ser aquilo que corrói o espírito de Qohélet, que durante toda sua trajetória como homem público e como investigador científico não conseguiu

superar a condição de viver esperando que a vida ou que alguma justiça sobrenatural corrigisse os males imputados aos homens honestos e retos de espírito. Ele não explica, factualmente, como se dá esta condição de justiça/injustiça, respectivamente aos injustos e justos, apenas diz que isto, também pode ver acontecer debaixo do sol.

Ele deixa muito claro que espera a justa recompensa ao justo por sua postura de fé e perseverança, para que não venha a decepcionar-se com a sua honestidade e tome o caminho do mal como forma [única] de alcançar o que passa a denominar como justiça de valor equitativo, ou seja, os fins passam a justificar os meios, assumindo tal postura de tanto ver a iniquidade levar a caminhos de glória e de conquistas.

Qohélet chega à conclusão de que o mundo gerido pelos homens não é perfeito [*e nem pode ser*] e por mais que se possa desejar uma perfeição harmônica quanto aos julgamentos e aos juízos, isto representaria uma utopia, uma vaidade, porque o que mais se aproxima é de uma condição de equanimidade, bastante débil, com a qual o homem deve aprender a conviver, porque assim é a representação da vida em sociedade debaixo do sol, ou seja, a vida vivida, não a vida revelada. Logo, seria um exagero acusá-lo de resignar-se à injustiça, porque ele, assim não o faz; ele interpreta a existência humana com extremada sobriedade, relatando o que observou, debaixo do sol. Ele não nega que exista um mundo ideal, apenas relata que não o conheceu, não o viu e se existe, está para além do sol, não está neste plano existencial. Nada há de pessimismo nisto, apenas lógica concreta e abstrata, aplicada à existência.

É muito difícil afirmar que Qohélet estava sob forte emoção e tomado por sentimentos de angústia e melancolia ao escrever suas preleções no livro de Eclesiastes, porque o que fez foi registrar tudo aquilo que observou ao longo de uma existência vivida com plenitude e com sabedoria.

Suas conclusões são por demais sutis para dizer que estas revelam algo além do desejo de reconhecimento que toma conta de todo ser humano, ao longo de sua existência. Passar toda a vida sem receber nenhum ou qualquer tipo de reconhecimento pelo que se realizou é o que ele considera como todo o trabalho, mecânico e intelectual, sendo enfado da carne e aflição de espírito, respectivamente. Tudo isto se aproxima do conceito de morte para os gregos, que era significado de cair em *Lettes*, esquecimento; fato contrário ao que, ser lembrado ou ser reconhecido por suas ações, feitos e palavras, após a morte; era manter-se vivo, mesmo após o corpo ser refeito em pó.

Toda esta condição de impotência ante a realidade experimentada, fazia-o perder-se em meio a uma profunda angústia e melancolia que, quanto mais se refletia sobre a mesma, mais esta se tornava pungente.

A angústia pode ser entendida, *grosso modo*, como um estado de tristeza ante a vida ou às situações que são postas, contra as quais não se pode lidar, nem recalcar, deixando uma dúvida latente, que é, se pode, pelo menos ser sublimada. Para Freud, a angústia faz parte do ato de existir, porque a existência é marcada por perdas, sempre constantes, e os seres humanos estão constantemente a perseguir uma forma de felicidade que lhes permita ou que possibilite alcançar o princípio do prazer, presos à ilusão de que uma vez tendo-o alcançado, esta sensação de vazio e de perda do nada desapareceria, deixando de acometer-lhe o espírito uma dor estranha e inexplicável.

Filosoficamente, esta sensação pode ser entendida muito mais em amplos termos de que a “angústia é um afeto que não é recalçado; desamarrada de seus significantes, ela fica à deriva enlouquecida e enlouquecendo o sujeito

quando este não dispõe do recurso do simbólico para lidar com ela.”²³

O sentimento de angústia a que faz referência aqui, representa de maneira expressiva o que sente o Sábio Qohélet, retratando-a como a uma dor profunda, que corrói o espírito humano, de dentro para fora. O sábio mergulha, tão profundamente, na busca pelo entendimento acerca do que o ser humano se caracteriza que descobre neste uma criatura imperfeita e, talvez seja esta descoberta singular que o leva a um estado de ansiedade, despertado por sua incapacidade de solucionar o problema com o qual veio a se deparar, tão imenso e intenso que chega a afirmar que a sabedoria é-lhe inalcançável.

Que sentimento é este que persiste mesmo depois de sua causa, aparentemente, desaparecer? Assim que, traduzi-la como a uma tristeza é ser simplório e reducionista ao extremo do permissível. Interpretá-la como a um estado depressivo é ir longe demais, no entanto, da forma como se expressa o autor do livro de Eclesiastes, a angústia que marcava sua existência era uma expressão inconsciente e involuntária, pois já não representava nada que alguém pudesse compreender, uma vez que, por mais intangível e intrínseca que pudesse demonstrar-se, não fazia sentido a um homem de gênio como ele o era.

Possivelmente, esta sua incompreensão sobre a sua própria condição de angústia, o levasse a um estado mais profundo de dor, a qual não sabia como explicar, muito menos como lidar com a mesma. Por isto, ao não encontrar sentido naquilo que criou ao longo de sua vida e vendo que nem os humanos, *vie de regre*, o tenham encontrado em suas respectivas existências miseráveis, escreve que tudo

²³ FONSECA, Maria Carolina Bellico. O objeto da angústia em Freud e Lacan. Belo Horizonte: *Reverso*, ano 31, n. 57, p. 39-44, Jun. 2009, [p. 39].

não passa de vaidade; tudo o que se constrói se dá em nome do orgulho, em busca de algo que se possa olhar para trás e encontrar nele algum alento, alguma satisfação, alguma felicidade. Não os encontrando, o que resta sentir? O que M. Fonseca bem expressou acima, o nada tentando alimentar-se de uma ideia de tudo, um *pathos* que não pode ser representado e que, inexplicavelmente, foi despertado pela perda do seu significante.

Psicologicamente, a angústia, em sua fase mais profunda e, de uma forma estranha, chegando a ser tratada como existindo na ausência de um suposto significante é muito complexa e impossível de sobreviver, porque nada sobrevive alimentando-se do nada e se ela é um significado, automaticamente necessita de algo mais que a fundamente, ainda que os motivos não estejam perceptíveis ou não se façam compreensíveis, até mesmo ao próprio indivíduo. A psicologia não lida muito bem com representantes abstratos, com a possibilidade de que exista algo que em algum instante possa influenciar a formação de uma determinada situação. Sua estrutura é mais rígida e ainda que trabalhe sobre bases epistemológicas intangíveis, todas estas são de conhecimento de todos, podendo ser até em certos níveis, mensuráveis.

Assim que, a angústia que assola Qohélet pode estar fora de seu campo de compreensão, como um conflito pela aproximação de sua condição de morte dado que já fosse velho e de igual forma sua luta por separar os mundos que estão abaixo e acima do sol, parecendo ser algo de fácil interpretação, mas o que se supõe em jogo aí é sua fé, uma vez que tudo o que relata ter visto, o realizou abaixo do sol, no mundo governado pelos homens; no entanto, este mundo era governado por alguém que estava acima do sol. Assim como Adan, o primeiro homem, a angústia de Qohélet era produto de sua dúvida. Eis o elemento que tem servido de

fundamento para justificar psicologicamente seu estado de espírito.

Esta definição para a angústia [*supra apresentada*], parece muito pertinente ao que sente e com que padece o autor de Eclesiastes, porque o seu objeto de análise é o indivíduo e sua condição existencial, logo, não há nada que possa fazer para mudar qualquer que seja sua direção; será sempre [*e nada mais que*] um observador passivo, nada mais além disto, nada que possa simbolizar poderá alterar a essência humana, porque ele, de igual forma, encontrou-se humano, sujeito aos mesmos desafios e incontínuas que aqueles que foram objeto de sua investigação, observação, análise e interpretação.

Na mesma esteira, a melancolia pode ser entendida e compreendida como um estado de angústia bem profunda frente à existência, em que não se encontra ou se percebe em condições de superar os problemas aventados pela condição de existir ou como se isto, por si só, representasse uma dor tão intensa e profunda que não fizesse sentido continuar a lutar pela busca de uma solução. Haroldo de Campos relata que, “a melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, [*algo bem próximo a*] uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar[-se], inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima.”²⁴

A melancolia é o nome clássico para a depressão, que a Psiquiatria tomou emprestado da Geografia, porque representa um estado em que o indivíduo se sente para baixo, no fundo do buraco, sem a menor perspectiva de vida e ausência de vontade deliberada de agir, de atuar na vida a fim de superar seus problemas mais intrínsecos e mesmo

²⁴ CAMPOS, Haroldo de. Da memória e da desmemória: excuro sobre o poeta José Elói Ottoni, tradutor do Livro de Jó. In: OTTONI, José Elói. *O Livro de Jó*. São Paulo: Loyola/Giordano, 1993, p. 31.

aqueles que o acompanham cotidianamente. É um estado de espírito aonde o indivíduo não consegue enxergar beleza e vivacidade em nada que exista à sua volta, por vezes, se negando a isto. Trata-se de um transtorno psicológico grave, com consequências muito profundas para o paciente.

No caso de Qohélet, não se percebe o sentimento clássico de negação da vida, ao ponto de dizer que o sábio esteja depressivo ao ponto de não desejar mais viver. Sua decepção é marcada por uma leitura profunda, marcante e não fragmentada de seu objeto de estudo, o ser humano. Ao tomar conhecimento de tudo o que marcava a existência humana e tudo o que o ser humano faz em nome de sua vaidade, vai se tornando desiludido, não com vida em si, mas com o que ela representa para os humanos e suas conclusões são de que ela é nada mais que um meio para que este ser possa atingir o seu fim, que é ser lembrado, amado e adorado feito um deus, porque não se conforma e sofre com a ideia de que é finito, no tempo e no espaço.

Qohélet se aprofunda tanto na análise da existência humana, que até mesmo o estado de angústia e melancolia a que se vê imerso, o interpreta como sendo um mecanismo da vaidade, um tipo de orgulho decadente por não ser mais capaz de mudar os rumos da personalidade humana, tarefa que pensou ser algo possível, tão logo alcance um grau de conhecimento completo acerca do ser humano, superando a condição de fragmentação que se impunha sobre todos os homens, em geral, fato que gerava mais ignorância acerca de sua natureza, porque permitia-o crer que detinha algum grau de conhecimento sobre si, como pensava, agia e se situava no espaço-tempo.

A melancolia vem a ser analisada e discutida no âmbito das ciências médicas por Freud, já no fim do Século XIX, definindo-a como uma sombra que se projeta sobre o ego insatisfeito ou que não alcançou o seu intento em sua

busca racional e continua tomado de amargura e angústia com a impossibilidade de atingir seu objetivo, por um motivo desconhecido até [*e principalmente*] para si mesmo, sempre considerando que, caso o conhecesse poderia até buscar a solução para o mesmo e isto [*possivelmente*] o faria feliz, no primeiro instante e em expectativa no segundo momento; mas de alguma forma amenizaria sua condição de angústia não permitindo que se alcance e assuma o estado de uma melancolia.

Isto leva ao entendimento de que o Sábio Qohélet havia chegado ao ponto final de sua análise sobre seu objeto de estudo, já concluído suas hipóteses e comprovado seu conhecimento sobre o fato. Não confere ao ser humano nem um tipo de definição, porque descobre ser este ser, uma criatura que não poderia ser reduzida a um simples entendimento, a um termo qualquer, até mesmo porque em sua vasta sabedoria e amplitude de saberes não foi possível encontrar, na semântica, qualquer vocábulo ou léxico que conseguisse descrever o objeto estudado. Com isto, revela que o conhecimento sobre o que o homem era estava fora de seu alcance.

Não parece ser o que vem a caracterizar o espírito de Qohélet uma condição de desespero ante à vida, apenas apresenta uma visão em que esclarece que o homem nada pode ante sua existência que não seja marcado pela busca de reconhecimento e o desejo supremo de realizar algo com que possa orgulhar-se, ser aplaudido, admirado, visto como alguém importante, porque descobre, não sem um extremo de dor e paixão, que esta é a essência humana. A visão que o homem constrói acerca de si mesmo é realizada a partir do resultado e da interpretação da visão recebida de seus iguais. Segundo Freud, a melancolia desencadeia-se pelo

encontro com uma perda, implícita e explícita em tudo que ela implica de radicalidade, não importa a que nível ocorra.²⁵

No caso específico de Qohélet ele se depara com a impossibilidade de transformação de seu objeto de estudo, porque percebe que antes dele já fora assim e depois dele também assim haveria de ser, uma vez que o ser humano buscava a felicidade acima de tudo, não se importando com o preço a que tivesse que submeter-se; no entanto, se via sempre derrotado e para superar este sentimento de baixa autoestima ante à existência, entregava-se a uma existência extravagante, sem medidas, em que os fins justificavam os meios.

Em meio a todas estas suas conclusões, o Sábio profere conselhos simples, como explorar a felicidade nos momentos mais tranquilos da vida, em que aparentemente não existem conquistas, porém, em suas entrelinhas está a realização, a consumação do que foi alcançado pelo esforço fracassado na busca pela suprema felicidade, que se mostra tão efêmera quanto os desejos que, uma vez satisfeitos, conduzem a ela.

O estado de solidão a que se entregou Qohélet, a fim de compreender o mais profundo do ser humano o conduziu a uma condição de angústia sem precedentes, porque teve que lutar para manter sentimentos os quais nunca havia antes confrontado ou pensado em sua perda, sua fé, sua razão de ser, quem ele era e como se comportava diante de Deus. Descobre que somente na solidão o ser humano pode se tornar o que ele realmente é [ou deseja ser]: livre. A solidão lhe confere uma condição de anonimato. E neste ambiente pode ser quem sempre desejou ser, não há barreiras, não há sanções, não há regras canônicas...

²⁵ FREUD, S. (1895). Rascunho G: Melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 1.

No entanto, paradoxalmente, isto tem como custo a sua felicidade e o homem somente vem a descobrir isto após experimentar tal condição de ser e de estar e ser atravessado por tal experiência, em um complexo processo dialético existencial.

O ser humano necessita da solidão para evocar seus pensamentos mais brilhantes, mais profundos e sólidos; depois para confrontar as ideias e logo em seguida imbricar raciocínios. Lamentavelmente, é nesta condição de solidão que encontra seus pensamentos, medos e assombros mais sinistros. Qohélet percebe ainda, que o ser humano também necessita de seus iguais, de estar em convívio com estes para que veja o quanto suas ideias causarão impacto bem como para perceber a força e a profundidade deste impacto, resistência e/ou aceitação e o que o outro pode agregar.

Os grandes cânones da humanidade foram escritos na mais extrema e profunda solidão do legislador. Qohélet começa as suas pregações falando acerca da sabedoria e do conhecimento. Já, de antemão, deixa claro que ambos não representam a mesma coisa, não possuem o mesmo conceito na interpretação do Filósofo. E por quê? Pode-se presumir que viveu alheio às pessoas à sua volta para poder penetrar em seus espíritos e perceber o que lhes acontecia em seus respectivos mundos particulares.

Esta expressão do filósofo deixa transparecer a ideia de que a solidão provoca desespero individual por não ter a quem descarregar os sentimentos mais ferozes por meio de brincadeiras, de jogos, de diversão, de diálogos e isto acaba conduzindo a um estado de ódio que precisa ser dominado, porém, é somente por meio da convivência com pares que se pode chegar a tal. Partindo deste entendimento, sozinho, o homem será sempre uma criatura selvagem. A solidão foi a companheira fiel do homem primitivo. E quão duro não deve ter sido para esta criatura selvagem abrir mão de sua

liberdade. No seu estado de solidão primitiva, ele era dono de seu próprio mundo, fato este que não ocorreu em sua liberdade civil, em sua segurança moderna, onde ele já não era mais livre que o cachorro fiel que o acompanhava. E, ademais, como pode ser que o homem civilizado poder ser considerado livre? Se,

O amor o arrasta para a sua amada;

As obrigações o chamam para o dever;

As preocupações sempre o trazem de volta de seus devaneios para a realidade;

As dificuldades e os desafios o removem de sua condição de todo-poderoso;

A ignorância o arrasta para a infundável, neurótica e esquizofrênica busca pelo almejado conhecimento e quando o alcança compreende o quão limitado e ignorante é sobre tudo;

E a, tão desejada, sabedoria, uma vez alcançada o impede de errar; com isto impedindo-lhe o progresso, tanto material quanto intelectual.

Tudo isto faz com que o sábio Qohélet chegue à conclusão de que o ser humano é uma criatura impossível de ser compreendida, porque marcada por sentimentos conflitantes, por natureza.

A interpretação do pensamento, exposto por Freud, de que a melancolia pesa sobre o indivíduo com uma força impiedosa, conduzindo-o a um sentimento de impotência, ante a realidade descoberta é o que conduz a ver presente em Qohélet uma condição de melancolia, porque há um desencanto, um sentimento de orgulho ferido ainda com a possibilidade de modificar a essência humana [*porque fora da esfera da compreensão humana*]. Há algo como a perda de fé no ser humano, fato que pode ter ocorrido por sua

condição de Rei, em que seu juízo deveria ser o mais justo e legal possível e isto incluiu em punir indivíduos inocentes e absolver indivíduos culpados, por motivos alheios a sua vontade e entendimento.

Possivelmente, foi em seus momentos de meditação e exílio espiritual que tenha produzido suas pregações mais intrínsecas e assim, apresenta o editor, o autor e a obra, em um mesmo nível, porque ambos se mesclam quando vão aconselhar ao homem como viver a vida, em sua máxima plenitude, uma vez que esta pode ser interpretada em duas situações arrepiantes e nada empolgantes: *A sua brevidade e a certeza da morte*.

Pensamentos que, quando expressos e analisados em uma discussão acadêmica, parecem redundantes, mas o ser humano jamais pensa nas duas situações ao mesmo tempo. Aliás, teme abordar o tema morte, como se ao negar falar sobre ela, negasse sua existência.

Em *Ecl. (1.2)*, assim afirma o orador: “Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.”²⁶

O orador apresenta o pregador como alguém que já começa suas preleções fazendo referências a que tudo aquilo que o homem faz é para impressionar seus iguais, superar aquilo que já existe, porque sente ânsia de ser reconhecido e uma vez tal feito alcançado, sente-se feliz e orgulhoso de sua obra, não importando quão pesado tenha tido que esforçar-se; o mérito e o valor não está no trabalho, mas, no impacto que causa; não trabalha para sua grandeza espiritual, trabalha para satisfazer sua vaidade pessoal. Por isto, afirmar que tudo é vaidade; toda ação humana é

²⁶ *Ecl. (1.2)*. In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

classificada, em sua acepção como um exercício fecundo da vaidade.

O homem passa toda a sua existência a satisfazer as necessidades colocadas por seu ego, sem preocupar-se com as consequências disto e se perde em meio a um mar de angústia quando não consegue realizar seu intento. Casa-se com a mulher que acredita amar e em muito pouco tempo descobre que não a ama e fica em dúvida se algum dia, o que supostamente crê que sentiu por ela, poderia ser classificado como amor. Tem certeza que não; era nada mais que uma ilusão e uma vez que esta tenha acabado, o que sentia, também, acabou, simples assim.

E, mais uma vez se pega em meio à infelicidade, em busca da tão propalada felicidade, atividade esta que lhe desperta para uma tremenda e profunda angústia e neste círculo vicioso segue vivendo sempre escravizado pela sua tristeza, preso a um estado de melancolia que não consegue explicar por que sente nem de onde vem; uma saudade sem fim de algo que nunca [*sabe, se de fato*] algum dia, tenha experimentado. No entanto, como sente falta de algo, isto deixa evidente que um dia fez parte de sua existência como algo que lhe proporcionava imensa alegria e felicidade, mas se angustia novamente, porque não consegue se lembrar do que se trata.

Por este simples motivo, Qohélet deixa transcrito nas entrelinhas de seus textos que a alegria e a felicidade só existe quando se vive a vida presente, porque estar preso à vida passada e também à vida futura é candidatar-se a ser massacrado pela angústia e ainda pela ansiedade, viver sob aflição de espírito, que em termos mais claros é submergir em um maravilhoso estado de melancolia.

E este estado se torna permanente, porque tudo o que deseja os olhos está fora do alcance de satisfazer, pois a satisfação do desejo não está diretamente vinculada ao

que se vê, mas ao que este ser desperta, uma vez atingido por este olhar e se atenda ao anelo, este acaba, se dissolve no ar feito fumaça e o indivíduo se descobre correndo atrás do vento e, em dúvida sobre o que, de fato é causa ou consequência de seu estado de angústia, porque passa a desejar não mais desejar e ao descobrir que não controla tal coisa, descobre que não é livre, porque escravo de seus desejos.

Qohélet encontra-se, definitivamente, com tudo que o que apresenta como fato para o ser humano em sua existência, esta que passa buscando compreender em sua mais resoluta tentativa de ser feliz, mesmo que para isto tenha que dedicar-se a uma entrega ao seu orgulho que jamais se satisfaz e sua melancolia está em que aquele que está a analisar, o ser humano, expressa-se em todas as atitudes de sua pessoa.

Em *Ecl. (2.10-11)*, Qohélet vai afirmar [*em primeira pessoa*] que, “Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o meu coração de alegria alguma; mas o meu coração se alegrou por todo o meu trabalho, e esta foi a minha porção de todo o meu trabalho. E olhei eu para todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também para o trabalho que eu, trabalhando, tinha feito, e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito, e que proveito nenhum havia debaixo do sol.”²⁷

Aqui, ele apresenta uma angústia muito profunda, um lamento por ter consumido seu tempo a produzir algo que não lhe trouxe alegria porque, conquanto houvesse criado, era tudo inútil, trabalho vão. Este pode ser um juízo emitido por seus pares e não um julgamento partido de sua própria consciência, entendendo que o Sábio estava a observar a

²⁷ *Ecl. (2.10-11)*. In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

ação humana, como os homens se comportam ao longo de suas jornadas existenciais e não necessariamente a dirigir-se a si mesmo como o construtor de obras inúteis; no entanto, ele foi dirigente político em sua terra, nada há que não possa estar referindo a si mesmo, enquanto gestor.

Mas, eis que sua colocação é um aspecto inerente a toda a essência humana, o fato de não saber o porquê de haver feito tal ou qual coisa e este sentimento ocorre porque uma vez realizado o desejo, satisfeita a pulsão, este perde, por completo, sua razão principal de ser.

As palavras de Qohélet escondem ou guardam, implícitas, um certo tom de culpa por ter deixado que seu ego satisfizesse seu ego. Entende, amargamente, que suas palavras sobreviverão ao tempo, mas as pessoas não seguirão seus conselhos pelo que deixou escrito, mas pelo que realizou e a vaidade de muitos depois de si, em superá-lo há de guiar os homens e o que seria para ser um orgulho, o extremo da suprema vaidade, apresenta-se-lhe como um profundo pesar, a mais profunda angústia, caracterizada como uma condição de melancolia.

Qohélet descobre que a melancolia a que o homem é submetido, ao fim de sua vida e, por vezes, mesmo tendo uma vida glamourosa é uma condição de tristeza pela vaidade não alcançada, porque percebe que tudo o que realizou, construiu e levantou, toda a glória que buscou e obteve, toda a satisfação que não deixou de alcançar, não foi capaz de melhorar, de fato, a vida de ninguém, porque o mundo e as pessoas continuam tão ou mais miseráveis do que quando a ele chegou e pior, tudo isto não foi capaz de livrá-lo da morte; então, porque realizar tudo, gastar tanto tempo e esforço se nada disto é potencialmente capaz de alterar o curso da história, melhor, da sua história? Sua angústia se eleva ainda mais ao perceber que aos olhos de Deus ele é tão igual a todos que o cercam que nada de

excêntrico que tenha realizado não o tornou melhor, a ponto de superar a velhice e tudo o de mau e perverso que vem junto com ela.

A ideia de ver-se obrigado a reconhecer-se como igual a todos o enche de um pesar pelo que realizou e isto representa a mais profunda expressão de sua vaidade, que vai sendo transmutada em ódio, até que se prostra ante à realidade de que não é nada além de um humano; com a sutil diferença de que é mais humano que seus coetâneos.

Ver-se obrigado, por princípios de força maior, a descer do pedestal construído pelo próprio indivíduo e equiparar-se a seus iguais é uma ferida que se abre no orgulho e que, dificilmente vai ser passível de sanar; por este motivo, o Sábio referir-se a ela como sendo *vaidade de vaidade*, ou seja, aqui apresenta um trocadilho em que não se trata de orgulho pelo que o orgulho pode lhe conferir; mas uma ferida por causa de algo que seu orgulho não pode conferir, em absoluto. Lutou, assim, para diferenciar-se de seus companheiros e mesmo para superar todos os que o antecederam e, quem sabe, será insuperável frente aos que o sucederão. No entanto, nada disto, é capaz de fazê-lo diferente enquanto ser humano, enquanto membro de uma determinada espécie.

E em *Ecl. (2.15-20)*, o Pregador volta a mergulhar-se, de maneira profunda e contundente, em sua plena desgraça pessoal, apresentando seus sentimentos de melancolia, em relação à *sua* existência: “Assim eu disse no meu coração: Como acontece ao tolo, assim me sucederá a mim; por que então busquei eu mais a sabedoria? Então disse no meu coração que também isto era vaidade. Porque nunca haverá mais lembrança do sábio do que do tolo; porquanto de tudo, nos dias futuros, total esquecimento haverá. E como morre o sábio, assim morre o tolo! Por isso odiei esta vida, porque a obra que se faz debaixo do sol me era penosa; sim, tudo é

vaidade e aflição de espírito. Também eu odiei todo o meu trabalho, que realizei debaixo do sol, visto que eu havia de deixá-lo ao homem que viesse depois de mim. E quem sabe se será sábio ou tolo? Todavia, se assenhoreará de todo o meu trabalho que realizei e em que me houve sabiamente debaixo do sol; também isto é vaidade. Então, eu me volvi e entreguei [*todo*] o meu coração ao desespero no tocante ao trabalho, o qual realizei debaixo do sol.”²⁸

O filósofo apresenta, neste aforismo, uma crise de angústia existencial em que se coloca a perguntar qual o sentido de tudo o que realizou, todas as horas passadas debruçado sobre o trabalho, em que esteve privado de sua felicidade e do gozo da vida junto aos seus, a sua amada e sua família, para mais tarde compreender que nada do que ergueu faz o menor sentido [*para si*], porque buscava somente orgulho, satisfação e reconhecimento e como este último não se lhe apresentou, advém a negação do valor do que elaborou e criou. Entra em conflito, ainda mais profundo por ver-se frente à condição de que já não pode mais usufruir de suas criações, como o poderia na sua juventude; daí, surgir sua melancolia ante a existência, que além de breve, é curta, e ninguém diz ao homem que assim o será.

Este é um dos pontos mais controversos da vida humana, porque a todo instante, até que se chegue aquele momento inevitável, em que não dá mais para negar o fim de toda uma existência, o indivíduo se rende ao que se está posto à sua frente e admite sua condição de medo do que não conhece ainda e pior, não existe ninguém no mundo ou na história que possa ser consultado.

Interessante é que Qohélet não entra neste detalhe existencial ou pós-existencial, como queira vir a chamá-lo,

²⁸ *Ecl. (2.15-20). In: FERREIRA, João Alberto. Bíblia Sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.*

porque analisa a vida humana dentro de padrões bastante sólidos, em um conjunto de variáveis que estão muito bem centrados em toda a conjuntura técnica, endossadas pelo pensamento de uma postura invariável ante o que é ser e o que é estar em harmonia com a existência e com a vida.

Qohélet se descobre como escravo do orgulho e não escravizado por este e termina caindo de joelhos ante à realidade, compreendendo que esta representa a condição humana *sui generis* e passa toda sua vida correndo atrás do vento, expressão esta que pode ser entendida como uma busca por algo que sabe-se que existe, mas que não é sólido, ninguém sabe para onde vai ou consegue apanhá-lo, significa perseguir uma ilusão. E, o que o Filósofo judeu aqui interpreta como ilusão é o desejo humano pueril de viver eternamente, porque realizou coisas extraordinárias, porque foi reconhecido por aqueles que habitam debaixo do sol como um expoente, uma luz no horizonte, um alguém que está para além do ordinário. A ideia de que será esquecido, da mesma forma que aquele que teve uma vida simples, que não criou nada de fantástico nem para si nem para o deleite de outros o enche de ódio ante à vida, considerando-a injusta.

Não é a tarefa mais fácil a de analisar, interpretar e compreender o pensamento humano e todos aqueles que dedicaram-se a isto, terminaram bastante frustrados e sem muitas perspectivas. Freud foi quem mais se aproximou de dar uma resposta plausível ao problema metafísico humano, sobre como o homem entende a si mesmo ou como julga compreender, porque chegou a um esclarecimento de que existe um espaço dentro de si que nem ele, por mais que se esforce, pode chegar a conhecer de fato.

Interessante notar que Qohélet vai na direção de uma busca pela interpretação da existência e descobre que a angústia e a melancolia são as únicas coisas reais para

esta criatura; Spinoza argumenta tentando explicar o livre-arbítrio humano e chega à conclusão de que a existência está fundamentada na condição de ignorância do homem acerca das forças secretas que o dominam e regem a sua vida.

Outro fato curioso é a questão de que o Sábio judeu da Antiguidade, Qohélet, antecipou conclusões sobre o ser humano que viriam a ser consolidadas por um outro sábio judeu, milênios depois, Sigmund Freud. As ideias de ambos concordam no ponto de que o homem é regido e guiado por seu intenso estado de orgulho, buscando a todo instante o reconhecimento e a satisfação de seu ego. Premissa que Sócrates, citado por Platão, no Século V e IV, já havia aventado em *A República*, quando relata o mito do *Anel de Gíges*, para exemplificar a questão da ética. O filósofo grego já deixa explícito que tudo o que o homem realiza, de bom ou de mau guarda, em seu foro íntimo, uma busca pelo reconhecimento de si como alguém excepcional, superior aos seus coetâneos, digno de elogios e de consideração.

Em *Ecl. (3.18-20)*, ele busca analisar como o homem se comporta, com relação à perda dos filhos. Assim se expressa: “Disse eu no meu coração, quanto a condição dos filhos dos homens, que Deus os provaria, para que assim pudessem ver que são em si mesmos como os animais. Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais, e lhes sucede a mesma coisa; como morre um, assim morre o outro; e todos têm o mesmo fôlego, e a vantagem dos homens sobre os animais não é nenhuma, porque todos são vaidade. Todos vão para um lugar; todos foram feitos do pó, e todos voltarão ao pó.”²⁹

²⁹ *Ecl. (3.18-20)*. In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

Neste aforismo, fala o pai que perdeu seus filhos e tenta encontrar algum alento em sua fé, porque considera que Deus está a testar a dimensão do amor humano para com ele, quando hão de estar frente ao corpo inerte de seus descendentes. Aqui, o pregador, chega ao seu ponto mais melancólico, porque analisa a existência e a vida dos filhos dos homens, comparando-a com a dos filhos dos animais e declara que ambos, homens e animais, são orgulhosos de suas crias, porquanto criações suas, mas nem e nem outro viverão para sempre, referindo-se aqui ao fim da existência. Não existe nenhum consolo para o espírito, ninguém sabe para onde este vai após a morte. Para ele, a morte é o fim, embora mais adiante venha a afirmar que este voltará para Deus, que o deu.

No entanto, isto não torna possível eximi-lo de seu estado de tristeza, porque, onde encontra-se Deus? Onde ele habita? A falta de respostas a estas perguntas o enche de insegurança quanto a saber para onde foi [ou vai] o espírito depois da morte. Perante esta incerteza de caráter metafísico, o homem continua a erigir túmulos aos seus que partiram e vão até ali para realizarem seus sacrifícios e libações. A perda da vida interfere na existência, produzindo tristeza e melancolia em todas as espécies, porque a morte é para sempre e o esforço que se há de fazer para não esquecer é sobrehumano, porque há que fazê-lo para que não caia vítima indefesa da melancolia. O que parece ser uma dureza de espírito, uma insensibilidade é nada mais que uma forma de sobrevivência, um modo de preservar a condição de felicidade, ainda que não se tenha condições reais para tanto. O ser humano é um escravo da sua existência e de tudo o que ela impõe sobre ele, incluindo a obrigação de ser feliz, o que o Sábio vem a entender como uma condição de vaidade, porque orgulha-se de superar as

dores e os desafios da vida com altivez e potência, como se tivesse algum poder de escolha deliberada sobre isto.

Uma coisa que realça a dimensão da profundidade da obra de Qohélet e sua capacidade de interpretação do pensamento humano, tudo isto sendo desenvolvido sob uma capacidade retórica escrita que a transforma em um clássico inigualável. Ele começa relatando sobre si, o que foi e o que fez e avança sobre uma tentativa de entendimento sobre o que é ser e atuar no mundo até chegar ao ponto mais profundo de uma [*possível*] interpretação da experiência existencial humana, em que acusa o invisível por não ter alcançado aquilo que sua vaidade julga como um direito natural seu, podendo ser interpretado como um louco, como alguém que foi engolido pela própria ignorância sobre o sentido existencial mais amplo da vida, ou que foi engolido pela sua empáfia, tornando-o cego para a realidade na qual esteja inserido.

O sentimento de vaidade chega ao seu extremo e domina o espírito individual a ponto de que se venha a considerar-se digno de todas as honrarias, simplesmente por ter realizado coisas que sua posição social ou fortuna permitiram. Mas, o que chama a atenção de modo mais profundo é quando o ser humano se utiliza da máquina pública para satisfazer, unicamente, ao seu ego e ainda deseja ser reconhecido como uma divindade, acusando a todos de ingratidão quando tal não acontece de acordo com seu desejo mais intrínseco.

O entendimento do ser humano com relação à sua existência não prova aquilo que sente com relação aos problemas e consequências colocadas pela sua conduta, deixando bastante evidente que nada há, na vida, que possa ultrapassar a transparência de uma busca pela superação do que é, ou melhor, do que não sabe o que é, uma vez que trata-se de uma criatura não definida pela natureza e nem

por si mesmo, ainda que Aristóteles tenha tentado conferir-lhe uma, classificando-o como a um animal dotado de razão, entendendo esta expressão, como um ser que pensa antes de agir, o que provou desde que surgiu sobre a Terra que isto, também não se mostra como um fato contundente, se intentarmos analisar as ações humanas sob a óptica da Psicanálise Clássica [*Freudiana*]; no entanto, temos que nos render ao pensamento aristotélico, quando sob à luz de novas interpretações psicanalíticas chega-se a conclusões de que existe um ente inconsciente que pensa antes de agir, no entanto, apenas encontra-se fora do escopo de razão consciente, portanto, fora do domínio racional humano, mas que não age impulsivamente; age sob determinada e estrita regra, apenas desconhecida ao seu senhor.

Esta situação constitui um desafio sem precedentes para Qohélet, esta condição de não ser capaz de entender porque o homem não é senhor absoluto da natureza [*apesar de assim acreditar e envaidecer-se com tal ilusão*] e vive sob seu peso, sendo sempre obrigado a curvar-se à pressão da existência sem poder compreender aquilo que determina tal destino, mesmo crendo que esteja acima da razão instintiva dos animais, o que lhe permite construir maravilhas. Ainda assim, era um ignorante em seu próprio mundo, escravo de seus vícios, impotente ante a sua ânsia dominadora de vaidades que, quanto mais negada, mais se eleva...

Em (*Ecl. 9.2-3*), *Qohélet* manifesta sua indignação com o juízo divino: “Tudo sucede igualmente a todos; o mesmo sucede ao justo e ao ímpio, ao bom e ao puro, como ao impuro; assim ao que sacrifica como ao que não sacrifica; assim ao bom como ao pecador; ao que jura como ao que teme o juramento. Este é o mal que há entre tudo quanto se faz debaixo do sol; a todos sucede o mesmo; e que também o coração dos filhos dos homens está cheio de

maldade, e que há desvarios no seu coração enquanto vivem, e depois se vão aos mortos.”³⁰

O pregador fala como se Deus fosse inócuo com relação à justiça aplicada a todos. Afirma que não encontra satisfação ou honra no bem viver, porque ao final, todos têm o mesmo destino, aquele que segue os mandamentos de Deus e aquele que os ignoram vão todos para o mesmo lugar.

Este parece ser mais a expressão de alguém que perdeu seus entes e luta para se conformar a com a dor, mas o luto o consome, fazendo-o perder-se em desespero, não querendo aceitar que o fato da morte, em si, não tem nada a ver com estilo de vida que cada um leva ou segue. Ela existe, mas, este é um preceito muito complexo, porque a morte será sempre entendida como um abandono por parte daquele que se foi.

Qohélet não se resigna à impiedade ou renega uma vida pautada na justiça; a expressão de seu sentimento vai muito mais além e indica que percebeu perfeitamente bem e conseguiu sintetizar o que, de fato, sente um pai e uma mãe e mesmo os amigos diante da perda de um alguém que lhes era muito caro. Ele é um filósofo existencialista, no sentido estrito do termo, ao mesmo tempo em que é um Teólogo e um sacerdote, observando e sintetizando, de modo clássico, o que representa a existência humana, debaixo do sol.

A posição que Qohélet ocupa dentro do texto, que trata-se de um monólogo, deve ser analisada com muito cuidado, porque embora fale em primeira pessoa, não pode esquecer que também se posiciona como um intérprete da existência humana, com uma retórica de altíssimo nível revelando muito mais esta postura que a de um alguém que

³⁰ *Ecl. (9.2-3). In: FERREIRA, João Alberto. Bíblia Sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.*

está carregado de culpa, por não ter agido conforme os desígnios morais de seu povo.

Seu estado de angústia e melancolia são nítidos, porque ao compreender que analisa o homem e seu estado de espírito, descobre ele também homem, portanto, sujeito à vaidade e a tudo o que expressou em suas linhas e é neste instante que se vê olhando para um espelho que reproduz uma imagem real e não pode negar que enxerga a si mesmo neste objeto.

No entanto, o Sábio não diz, em nenhum momento, que é diferente do que expressa acerca do espírito humano, apenas se ressentido de assim o ser e deseja que não o fosse e entende, aí sim, para sua profunda angústia e estado de melancolia, que até este seu desejo é uma expressão de vaidade. Nada há na vida humana que esteja fora deste sentimento que acaba não somente regendo o ser humano, ao longo de sua existência, como escravizando-o, porque a satisfação da vaidade produz, como consequência direta a satisfação do ego, uma vez que o homem é regido pelo princípio do prazer, motivado, direta e incessantemente por sua busca.

Qohélet encerra a sua preleção colocando o ser humano no seu lugar de dever, que a despeito de todo o conhecimento que possa adquirir sobre si mesmo e a toda incompreensão que possa alcançar a partir da análise de seus pensamentos e de seu comportamento, não pode desprender da verdade de que é criatura e não criador; portanto, ao seu Deus, que habita acima do sol, ser perfeito, cabe-lhe o dever de guardar o devido temor, expressão esta entendida aqui, como garantias de respeito, a fé, a justiça e as honrarias devidas.

Fundamentado sobre este sentimento moral, em *Ecl.* (12. 13), diz Qohélet que, “de tudo o que se tem ouvido, o fim

é: Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo o homem.”³¹

Neste aforismo, o pregador encerra sua preleção acerca da análise da existência humana, mostrando que, apesar de seu pessimismo ele é fiel e não é um ateu. Ele é um filósofo existencialista, mas possui a sua fé em um ser superior. E muito além disto, pela expressão *o fim é*, pode-se entender como sendo *este é o princípio, esta é a lei*, e não se está a referir-se a uma lei humana, mas a um mandamento natural, divino; portanto, segue-a, obedeça-a; porque esta é a vida que recebemos como herança de nossos pais, não havendo nada que se possa fazer para que seja diferente; não está em poder dos homens modificar sua estrutura. Eis que afirma, em Ecl. (1, 9): “Nada há de novo debaixo do sol”³², querendo esclarecer que desde os tempos mais distantes, primevos, assim o foi e assim o será pelo futuro, porque assim o fez o Senhor Deus para que haja temor do homem para com ele e para com a sua justiça.

³¹ Ecl. (12.13). In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

³² Ecl. (1.9). In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CONCLUSÃO

O Eclesiastes é um livro muito complexo; isto fica muito transparente a partir de sua leitura, em que apresenta uma facilidade de interpretação aparente que não é mais que uma ilusão. A sua leitura demanda um elevado grau de intelectualidade e a análise íntegra do mesmo conduz a uma aparente interpretação e entendimento em nível consciente, o que trata-se de outra ilusão. O diálogo expressa-se em nível individual, de tal forma que onde se quer chegar é ao nível inconsciente do *logos* humano.

Qohélet expressa em sua obra tudo aquilo que ele presenciou e observou sob o sol e com esta expressão está afirmando que suas palavras não se fundamentam em uma revelação, mas é produto de observações muito maduras, conscientes, inteligíveis, coletadas durante sua existência nesta Terra. Não está a fazer conjecturas sobre o existir humano, nem a proferir conselhos sobre a melhor forma de se viver; está a relatar o que é viver e como os homens vivem as suas respectivas vidas.

Qohélet aconselha a agir com sabedoria, que seria fazê-lo motivado pela autêntica razão prática e jamais agir impulsionado pela razão pura. A Razão Prática seria aquela que nasce a partir da análise e da reflexão dos conflitos cotidianos inerentes a todo ser humano. Tem-se, assim, que é um instrumento de cunho empírico. Já a Razão Pura é um produto da moral, do consenso, está dada, logo, não há que discutir, bastando sua aplicação iminente por parte de quem manda e aceitação passiva por parte dos outros. Não é assim que ele se dirige ao seu leitor; ele o exorta a buscar a melhor maneira de gozar a vida, em parceria com seu amor, em companhia de seus amigos, em sociedade, buscando fortalecer-se como um indivíduo livre, mas que tem limites,

em todos os aspectos, porque está condenado a viver sob um rigoroso código existencial.

O autor de Eclesiastes toma a decisão de que irá tornar-se sábio, o que soa um pouco estranho, considerando que já é um teólogo, portanto, em seu tempo e sua cultura, um sábio, o que deixa a entender que pretende conhecer a natureza humana, até mesmo porque suas palavras dizem que dedicou-se a conhecer tanto a sabedoria, a loucura, a insanidade e a estultícia e todas estas qualidades são preceitos, tipicamente, humanos e ao fim, constrange-se dizendo que não alcançou a sabedoria, porque esta estava fora de seu alcance.

Qohélet se depara com a gama de sentimentos que compõem a essência humana, marcando, de modo profundo sua existência, seu modo de ser e de viver. A ciência de sua época não poderia possibilitar-lhe conhecer o que estava para além da compreensão filosófica e ele compreende isto e aceita tal condição; porém, não se resigna a ela; o que não consegue entender, ao fim de todo seu estudo, é como é possível haver tamanha discrepância entre indivíduos que vivem sob o mesmo sol. Ele não expressa, mas chega à compreensão de que cada indivíduo representa um universo em si mesmo e atingir o domínio do saber é, humanamente, impossível.

Sua angústia se revela no instante em que ele se debruça a observar e se aproxima de descobrir o que motiva um determinado objeto em direção à existência e ele se descobre este objeto, mergulhado em uma profunda crise existencial, não conhecendo nem a si mesmo, incapaz de entender e compreender suas próprias ações individuais, suas motivações e impossibilitado de interpretar a si mesmo, se compreende como um estranho em seu próprio mundo intrínseco.

Sua melancolia termina revelando-se expressa na sua incapacidade de enfrentar os desafios da vida e ter que resignar-se a eles e ver-se obrigado a continuar a lutar, ainda que isto represente aos outros, um sentimento de vaidade, de orgulho. A impotência ante à morte, o fracasso ante a existência e ser vencido pela condição de que nada é diferente do que o tenha sido em outras eras e que tudo não passa de um fim em si mesmo e que os homens e os animais não são diferentes em suas categorias de vida, nem os filhos destes e que nenhum poder detém o homem sobre a vida e a morte e que todas as perdas que sofrem são maneiras de Deus testar a sua fé.

A angústia e a melancolia marcam a obra, ainda que lida e estudada da forma mais altamente científica possível, no entanto, seu autor esclarece, a partir da interpretação de seu texto, que a finalidade suprema da vida é guardar os mandamentos sagrados e perseverar no exercício do temor a Deus, porque este é o princípio máximo da sabedoria. Assim, tem-se que, quando Qohélet diz que não alcançou a sabedoria está a referir-se ao conhecimento sistemático da psicologia de seu objeto de estudo.

Quando Protágoras³³ expressa a máxima de que “o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são”, não está aí expressa uma presunção de relativismo humano frente ao mundo e as coisas dadas. O filósofo está a referir-se ao ser imerso em sua condição de existência e tudo o que ela engloba, em termos de conhecimento (que inclui aquilo que lhe está compreendido e aquilo que não lhe está [*ainda*] compreendido, mas com o que já deteve algum tipo de contato). Sobre aquilo que já conhece elabora princípios,

³³ Protágoras (em grego antigo: Πρωταγόρας; Abdera, 490 a.C.-Sicília, 415 a.C.) foi um célebre filósofo da Grécia Antiga.

categorias, domínios, sintetiza ideias e sobre o que ainda não conhece, factualmente, elabora hipóteses, conjecturas.

J. Líndez é quem confere um entendimento clássico [e singular] a este pensamento aforístico de Protágoras, quando esclarece que “o homem é o eixo em torno do qual gira todo o mundo sapiencial. É o ponto de partida de toda a observação, sujeito que fala, cita ditados e sentenças; é também o objeto de [todas as] suas próprias reflexões, imagens refletidas no espelho de sua mente.”³⁴

Chama a atenção aqui, que quando se estende a interpretação do termo *sapiencial*, tem-se uma conjuntura vinculada ao cognitivo e ao intelectual, ou seja, pode-se tê-lo como o mundo do conhecimento e muito mais isto fica patente quando se amplia a análise da frase para todo o conjunto da oração, onde já coloca-se como ele próprio, para além e em conjunto com suas ideias e pensamentos no rol de análises sistemáticas e destas se extrai o que melhor possuem e mais pode convir à sua busca, no sentido de formar sua estrutura personológica.

Nesta reprodução ontológica e olográfica de seus atos, expressos por sua própria mente, sendo extraídos de um espaço misterioso em alguma região cerebral, a que chamaram de memória, regida por uma deusa e que tem-se o poder de despertar e provocar-lhe a dor, a saudade, a angústia, a melancolia, o orgulho, como também a alegria e a felicidade e o pior e mais poderoso de todos os males já criados pelo homem: a culpa.

O espelho da mente, a reflexão, a que faz referência é elaborado, moldado e polido tendo como fundamento a cultura na qual o indivíduo nasceu, cresceu e construiu sua identidade personológica, esta que apresenta traços muito

³⁴ LÍNDEZ, José Vilchez. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 102.

específicos de toda uma tradição que se estende para antes deste ser e para diante deste ser, sendo sua existência uma representação do que Nietzsche classificou como instante.³⁵

Pode-se tomar toda a obra do Sábio Qohélet que, em nenhum momento ele condena o orgulho, sente-se culpado por, ao refletir sobre toda sua existência e toda sua obra, chegar à compreensão de que toda a realização de sua vida foi em busca da satisfação de seu orgulho pessoal, uma manifestação de vaidade e é isto o que o conduz a cair em angústia e terminar mergulhando na melancolia.

³⁵ A este respeito conferir a obra de Nietzsche, F. *Da utilidade e da inconveniência da história para a vida*. São Paulo: Escala, 2008.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: escala, 2007.

CAMPOS, Haroldo de. *Qohélet = o-que-sabe*: Eclesiastes: poema sapiencial. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CAMPOS, Haroldo de. Da memória e da desmemória: excursão sobre o poeta José Elói Ottoni, tradutor do Livro de Jó. In: OTTONI, José Elói. *O Livro de Jó*. São Paulo: Loyola/Giordano, 1993.

FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

FONSECA, Maria Carolina Bellico. O objeto da angústia em Freud e Lacan. *Belo Horizonte:Reverso*, ano 31, n. 57, p. 39-44, Jun. 2009.

FREUD, S. (1895). Rascunho G: Melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 1.

LEAL, Izabela; CARVALHO, Márcio de. Eclesiastes, um diálogo entre dois sábios: O-Que-Sabe & Haroldo de Campos. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 01-15; maio 2017. ISSN: 1982-3053.

LÍNDEZ, José Vílchez. *Eclesiastes ou Qóhelet*. São Paulo: Paulus, 1999.

LÍNDEZ, José Vílchez. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falava Zaratustra. São Paulo: Escala, 2007.

SICRE, José Luís. *Introdução ao Antigo Testamento*.
Petrópolis: Vozes, 1995.



Meus sinceros agradecimentos ao Professor Doutor Jorge Augusto e à Professora Doutora Cláudia Pereira Murta, ambos do Departamento de Filosofia da UFES, pelas orientações e apoio.

O Autor



SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

Graduado em Filosofia e Sociologia. Psicanalista. Doutor em Ciências Pedagógicas. Pós-Doutor em Psicologia.



ISBN 978-658459938-3



9 786584 599383



Editora
UNIESMERO